CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES PARA A CERTIFICAÇÃO

bordado terra de sousa Lixa

por terras onde o engenho é arte!

por terras onde o engenho é arte!

Ficha técnica

Estudo e textos:
Ana Pires

Fotografia:
Sara Clara (estúdio)
Ana Pires (várias)

Execução de Amostras:
Pontos e crivos
Ana Carolina Magalhães da Silva
Emília da Conceição Carvalho Nogueira Guimarães
Bainhas abertas
Alice Manuela Dias Coelho
Maria Alzira Ferraz Dias
Maria da Glória Pinto Silva
Maria Fernanda Sousa Carvalho

Design:
Academia do Design ® filipe marques

Agradecimentos:
Aurora Assis Rêgo (Casa Assis Rêgo - Alto da Lixa)
Felisberto Carvalho (Casa Real - Lousada)
Maria Carolina Pinheiro (Terra Mãe - Santiago de Figueiró)
Olga Ribeiro (Bormarante - Figueiró)

Edição 2025

O presente catálogo foi um dos elementos constituintes de um projeto mais amplo, candidatado ao Programa Operacional do Norte, gerido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte e desenvolvido pelo CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais.

Com a denominação "Certificação do Bordado da Terra de Sousa", o referido projeto visa a constituição de um "caderno de especificações" que fundamentará a certificação do Bordado da Terra de Sousa, num processo que este Catálogo documenta.



Felgueiras
CÂMARA MUNICIPAL



bordado terra de sousa Lixa

CADERNO DE ESPECIFICAÇÕES PARA A CERTIFICAÇÃO

Índice

pág.

1 **Introdução** 9

2 **Primeiros registos** 11

3 **Situação atual** 15
3.1 > Matérias primas 16
3.2 > Utensílios 19
3.3 > Organização da produção 23
3.4 > Mercado 28
3.5 > A bordadeira 30

4 **O bordado da Terra de Sousa** 33
4.1 > Considerações prévias 33
4.2 > Pontos do bordado Terra de Sousa 35

5 **Condições para a inovação** 125

1. Introdução

No cimo de uma portela que domina dois imensos vales, o do Sousa e o do Tâmega, desenvolveu-se, pelos finais do século XIX, uma importante produção de bordados, tão espantosa quanto desconhecida, tão importante quanto ignorada. Foi por aqui, de um lado e doutro da velha Estrada Real que ligava o Porto a Trás-os-Montes, que se estabeleceu e definiu, há mais de cem anos, a área onde se encontra o maior número de bordadeiras em Portugal Continental.

Em locais como Figueiró da Lixa, no concelho de Amarante, Airães, Aião, Vila Verde, Lixa ou Santão no concelho de Felgueiras, Torno, Meinedo ou Caíde de Rei, no concelho de Lousada, enfim por todas as freguesias que confinam com a portela do Alto da Lixa, gerações de bordadeiras acumularam, ao longo de mais um século as tarefas próprias da vida doméstica e familiar com a atividade de bordo definindo aquela que é, no Continente, a mais importante região produtora de bordado e que, ainda nos nossos dias ocupará, seguramente, mais de mil e quinhentos bordadeiras. É esta realidade esquiva e desconhecida que a presente Exposição e Catálogo pretendem dar a conhecer.

Segundo um texto de 1913, o bordado dito "da Lixa", ter-se-á iniciado na freguesia de S. Tiago de Figueiró. Todavia rapidamente se terá espalhado por todas as freguesias limítrofes ocupando, desde há muito, a sua atual área de ocorrência.

As cidades do Porto e Guimarães terão tido um relevante papel na organização e estruturação do mercado deste bordado, do que decorre o facto do Bordado de Terra de Sousa nunca ter cristalizado numa imagem que lhe desse uma identidade óbvia. Pelo contrário, a sua identidade reside na sua versatilidade e extrema adaptabilidade a um mercado que foi sempre urbano. Ao estudar este bordado encontra-se, de facto, um caleidoscópio de imagens onde, no entanto, se podem observar os sinais específicos que o distinguem de outros bordados.

À extraordinária técnica da bordadeira da Terra de Sousa, que borda com o tecido cosido àquilo a que chama o papelão — uma solução única, de um engenho inultrapassável — corresponde um domínio das técnicas de bordar que não encontra qualquer paralelo nas outras regiões portuguesas produtoras de bordado, Região Autónoma da Madeira incluída. Não serão todas, mas as boas bordadeiras da Terra de Sousa, muitas mais do que se imagina, dominam mais de 200 diferentes pontos de bordar. Dominam e dominam muito bem. Com uma maestria que só encontra equivalência na sua espantosa descrição.

De facto, mais do que tornar pública e mobilizar o interesse e atenção de muitos para esta espantosa produção de bordado, esta Exposição e este Catálogo pretendem desocultar uma realidade tão ignorada quanto escondida. Uma realidade difícil de apreender, mas nem por isso menos concreta.

2 . Primeiros registos

A bibliografia sobre artes tradicionais portuguesas é, em geral, particularmente escassa e poucos foram os que escreveram sobre o bordado. No caso da Terra de Sousa a situação é tanto mais espantosa quanto, como se irá ver adiante, com mais detalhe, se conhece uma citação de 1913 em que Figueiró já é reconhecido como centro de indústria de bordados.

Neste contexto uma das exceções mais notáveis foi Maria Clementina Carneiro de Moura que escreve, num dos seus mais importantes artigos[1].

"Onde o Minho confina com o Douro, assiste-se a uma autêntica florescência de atividades artesanais. Lixa e Felgueiras são presentemente centros importantes de crivos e bordados sobre rede de nó".

"(...) tantos outros bordados a branco do Continente (Guimarães, Ponte do Lima, Vizela, Barcelos, Figueiró, Lixa, Lageosa, Tibaldinho e Alcafache) (...) que, em última análise, se aparentam todos com o clássico bordado inglês que se generalizou por toda a Europa, a partir do século XVI, com a designação de ponto cortado".

Quase vinte anos antes[2], esta mesma autora já havia escrito.

"(...) Felgueiras, (...), Lixa (freguesia de Figueiró da Lixa), na freguesia de S. Tiago de Figueiró, etc., são também localidades onde as mulheres do campo (...) bordam os crivos que afluem ao mercado de Guimarães".

Também Manuel Maria Calvet de Magalhães[3], distingue, referindo-se aos bordados de Guimarães:

"O bordado de crivo, de Guimarães, mantém ainda este nome, embora se executem, atualmente, fora da cidade, em especial nas povoações da Lixa, na freguesia de S. Tiago de Figueiró, Felgueiras, etc.".

Com o intuito de estudar o bordado, Clementina Carneiro de Moura nunca terá visitado a região, não se tendo apercebido que a localidade da Lixa pertence à freguesia de Vila Cova da Lixa (concelho de Felgueiras) e que Figueiró da Lixa é um lugar da freguesia de S. Tiago de Figueiró (concelho de Amarante).

Muito ligada à divulgação dos bordados ditos "regionais", através dos programas de ensino das Escolas Técnicas, Clementina Carneiro de Moura estaria mais interessada no "Bordado de Guimarães", que na extraordinária produção de um bordado que foi sempre definido em função de um gosto cosmopolita e urbano, enfim, um bordado que não era "típico", que não se colocava no mesmo patamar onde brilhavam produções como o Bordado de Castelo Branco ou o inventado (1931) Bordado de S. Miguel – Açores. Daí que ela mencione a produção de Lixa e Figueiró na perspetiva das suas ligações ao "Bordado de Guimarães", ignorando o principal[4].

[1] Moura, Maria Clementina Carneiro de - "Tapeçarias e Bordados", in Arte Popular em Portugal, III volume, página 70, Verbo s/d (196?).

[2] Moura, Maria Clementina Carneiro de - Livro Âncora de Bordados nº1 – Bordados tradicionais de Portugal, página 34, Porto, s/d (1949).

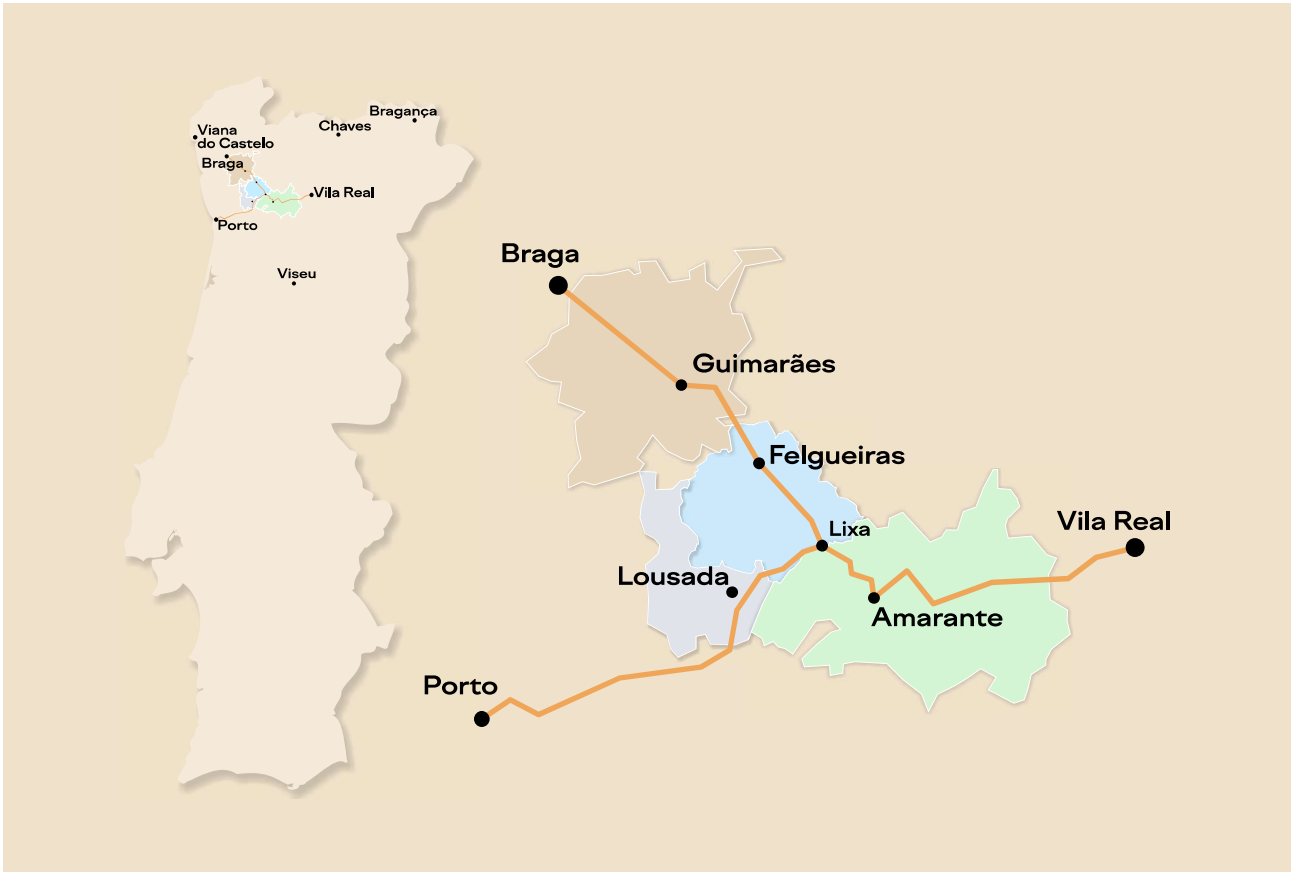
[3] MAGALHÃES, Manuel Maria Calvet - Rendas e Bordados de Portugal, Coleção Educativa, Série N nº10, Campanha Nacional de Educação de Adultos s/d (1956). Reeditado pela Veja, Lisboa 1995.

[4] Outra referência sobre o bordado do "Douro-Litoral", como então se dizia, encontra-se na monumental obra "As Mulheres do Meu País" (1948-1950) de Maria Lamas, onde refere "Bordadeiras e Rendeiras-São profissões a que se dedicam muitas aldeãs do Douro Litoral. Trabalham em casa, por conta de pessoas que têm o seu negócio organizado, fornecendo os estabelecimentos das terras mais importantes do País.
Principalmente em toda a região da Lixa, Figueiró e Fregim, para os lados de Amarante, borda-se muito a crivo, ponto de cruz e outro bordado de fantasia." pg.138, 2ª edição, Ed. Caminho, Lisboa 2002.

Calvet de Magalhães identifica melhor a área e menciona as atividades que lhe estão associadas mas, na verdade, tal como a sua colega, pouco ou nada problematiza, quanto à origem ou filiação destes diferentes bordados ou, pelo menos, da peculiaridade da sua ocorrência. De facto, porquê Figueiró? Porquê Lixa? Porque razão estes lugares e não outros?

Sobre este assunto António Teixeira de Sousa[5] apresentou uma explicação muito plausível relativamente à origem e filiação do bordado que, desde há tanto tempo, se produz na área da Lixa e escreve:

"As senhoras dos solares e das casas solarengas desta região (minhota) tiveram, portanto, um papel de relevo na implantação local e no desenvolvimento desta indústria doméstica. Este facto pôde ser, aliás, confirmado pelo testemunho direto de pessoas muito idosas e, também, pela descoberta de bordados com carácter erudito ou semi-erudito, desenhados e produzidos por mulheres do povo, totalmente analfabetas." Refira-se, a título de exemplo, o papel desempenhado, no âmbito dos bordados, pela Casa do Castelo, (...), situada em S. Tiago de Figueiró, muito próxima da Lixa. (...) Segundo nos informaram os seus proprietários e algumas bordadeiras octogenárias, que vivem nos arredores, antigamente as filhas dos caseiros das quintas que pertenciam aos domínios da Casa do Castelo, quando demonstravam capacidades superiores às normais na arte dos bordados, passavam a trabalhar na casa dos Senhores onde se dedicavam, apenas a bordar."



[5] SOUSA, António Teixeira de - Bordados e Rendas nos Bragais de Entre-Douro e Minho. Pg Ed Programa das -artes e Ofícios Tradicionais, 1994.

No mesmo sentido, da antiguidade da produção de bordado nesta zona, vai um artigo de A. L. Carvalho, publicado no II volume dos "Mesteres de Guimarães", em 1941, em que este autor depois de citar um relatório de 1884[6], pelo qual se fica a saber que naquele ano o bordado de Guimarães empregava 747 pessoas **"produzindo trabalho anual no valor de 45 contos de réis"**, prossegue mencionando um texto de 1913, da autoria do Eng. Manuela de Melo Geraldes, em que este escreve "**...Muito naturalmente perguntamos a nós próprios porque se localizou esta indústria nessa região tão pobre e retirada, que é** Figueiró da Lixa". Teixeira de sousa avançou com elementos que permitem, com a certeza possível, responder a esta pergunta. Mas a razão da manutenção e desenvolvimento desta "indústria caseira", como noutros tempos se dizia, suscita todo um outro tipo de questões.

Explicar a origem de um saber, ou o início de uma atividade económica, não explica a transformação dessa competência num negócio de sucesso, desenvolvido ao longo de mais de um século, em múltiplas empresas. Com efeito, se o reconhecimento da antiguidade desta área de produção e sua provável origem em Figueiró não oferecem, aparentemente, muitas dúvidas, permanece por clarificar a razão da sua permanência e expansão, tema que adiante voltará a abordar.

[6] Trata-se do relatório da Exposição da Exposição Industrial de Guimarães em 1844, cuja edição fac-similada, a Muralha-Associação de Guimarães para a defesa do Património, publicou em 1991.

3 . Situação atual







Há muito que o "bordo", nome que localmente as bordadeiras dão à sua atividade, constitui uma ocupação banal para uma larga maioria das mulheres residentes nas freguesias contíguas à Portela da Lixa. Saber o seu número exato constitui, no entanto, empresa de incertos resultados. A bordadeira, mesmo quando faz do ofício a sua atividade principal — e são 83%[7] na atualidade — mesmo quando trabalha por conta de outrem — e são 86% — trabalha isolada, um trabalho desenvolvido em espaço doméstico, num sistema de economia informal. Decorre deste facto a sua óbvia invisibilidade e a dificuldade de obter, em valor absoluto, registos fidedignos, pois são muitas as que não permitem qualquer contacto, com medo de serem identificadas e das consequências fiscais ou sociais que desse facto possam advir.

Como se previa, qualquer um dos seis inquiridores que levou a cabo o Inquérito às Bordadeiras realizado no final de 2005, referiu a grande dificuldade em se obter a colaboração das bordadeiras, tendo sido muitas as que se escutaram a responder Saúdem-se pois as 529 bordadeiras das freguesias de Aião, Airães, Boroa de Godim, Caramos, Lordelo, Macieira da Lixa, Pedreira, Refontoura, Santão,Vila Cova da Lixa e Vila Verde, do concelho de Felgueiras. as 157 bordadeiras das freguesias de Vilar do Torno, Caíde de Rei, Meinedo e Cernadelo do concelho de Lousada e as 22 inquiridas na freguesia de S.Tiago de Figueiró do concelho de Amarante, que aceitaram ser inquiridas, pois a sua colaboração no referido inquérito, permite conhecer, na verdade da sua estatística, as condições de produção do extraordinário Bordado da Terra de Sousa.

[7] Todas as percentagens que caracterizam a situação atual das bordadeiras de Terra de Sousa, foram calculadas relativamente ao total das 708 bordadeiras que aceitaram responder ao Inquérito levado a cabo em novembro de 2005.

Antes de o fazer, vale a pena, contudo, explicitar as razões que levam, na atualidade, a preferir a designação **Terra de Sousa** a outras, eventualmente, mais conhecidas. Como já foi dito, a área onde este bordado ocorre reparte-se por três diferentes municípios. Qualquer designação que privilegie um lugar parece que, automaticamente, deprecia o valor dos outros. do pano de fundo das identidades locais, acresce ainda o facto de se ter popularizado, pelas más razões, uma imagem do Bordado da Lixa, que ninguém está interessado em lembrar e, muito menos, em recuperar. Com efeito, houve um tempo em que bordado de má qualidade, quase sempre feito a ponto cruz, era produzido em largas quantidades sendo vendido do modo menos prestigiante possível. Pelas praias ou feiras, viam-se então umas ceiras de palha, onde se empilhavam toalhas, muito mal bardadas, da **Lixa**, vendidas, praticamente, ao desbarato. A constância desta imagem, propagada ao longo de algum tempo, "queimou" a possibilidade de se usar o nome Lixa para se identificar e promover uma produção que todos os intervenientes estão apostados em qualificar e tornar sinónimo de excelência, e o facto é que a Lixa era, sobretudo, o local onde se comercializava o bordado desde sempre feito em muitos outros locais, em freguesias como S. Tiago de Figueiró, Airães ou Vila Verde. Na consideração destes elementos parece mais justo, mais plural e abrangente, para todos os que participam da realidade da produção local do bordado a designação Terra de Sousa, um nome antigo que tem a ver com a verdade histórica do território em que este bordado ocorre.

3.1 Matérias-primas

O Bordado da Terra de Sousa começou, naturalmente, por se fazer em tecidos considerados da mais alta qualidade, como é o caso do linho. Depois, também se começou a fazer noutros suportes têxteis, como panos em que o linho e o algodão se combinavam em diversas proporções.

Os tecidos atualmente utilizados são escolhidos em função do seu uso final. Assim, na execução de roupa de cama, como lençóis, a escolha recai quase inteiramente sobre o algodão. Não quer dizer que não se possam fazer lençóis de linho — que se fazem — mas aqueles tornam-se não só mais acessíveis no preço como, sobretudo, mais fáceis de manter, nomeadamente quando se trata de os passar a ferro, além de que o linho, com toda a sua extraordinária capacidade de absorção torna-se tão agradável no Verão, quanto desconfortável no Inverno.

Uma solução intermédia consiste na utilização de tecido de linho e algodão para a roupa de cama. Todavia todas as outras peças, que constituem o suporte da maior parte da produção de Bordado de Terra de Sousa, são feitas em linho.

Enquanto o linho é usado em todo o tipo de roupa de mesa, cortinas e cortinados, os tecidos mais



finos, como a cambraia ou o organdi, têm uma utilização muito mais residual. O primeiro destina-se a roupa de cama de bebé, que quase deixou de se fazer, e o organdi aparece em trabalhos de bordado de aplicação, como matéria-prima do que, localmente, se chama **embutidos.**

Num momento em que se trabalha consistentemente, na valorização e na identificação deste bordado, faz sentido questionar o tipo de tecido que deve ser utilizado para que se não continue a dizer "vai-se o pano, fica o bordado". Com efeito, considerando a multiplicidade de pontos da gramática técnica das bordadeiras, dever-se-ia investir na questão do tecido de um modo mais profissional e informado.

Senão, repare-se: quando o bordado se executa numa toalha de mesa que vai ter, necessariamente um bordado mais plano, eventualmente com mais bainhas abertas, ou crivos, deve-se utilizar um tecido onde os fios "corram" melhor, no sentido de facilitar o trabalho da bordadeira. Todavia, este tecido precisa de ter, simultaneamente, resistência às lavagens.



Por outro lado, um bordado onde predominem os chamados pontos reais, todos de grande relevo e complexidade, necessita de um tecido com uma especial resistência ao calor, pois se torna mais difícil de brunir. Há casos em que o apuro do desenho e consequente bordado exigem telas em que os fios da trama e da teia se distribuam de igual modo.

É no entendimento de todos estes fatores que se deverá trabalhar na definição de telas adequadas às várias finalidades. Para um produto, cada vez mais luxuoso, devido à mão de obra especializada que incorpora — para não falar da excelência da sua qualidade ou da riqueza dos pontos que ostenta — a decisão do tecido a escolher não deve ser empiricamente informada, ao sabor da capacidade de persuasão dos representantes das fábricas ou baseada no hábito ou tradição, tal como atualmente se verifica.

O Bordado da Terra de Sousa apresenta-se, na maior parte das vezes, bordado a branco sobre branco porque, na altura em que se definiu, nem se imaginava que pudesse ser de outro modo. Todavia, este bordado, ao longo do tempo, incorporou todas as cores que estiveram na moda, sobretudo nos jogos de cama e toalhas de mesa.

Contudo, o discurso sobre o valor patrimonial de elementos da cultura tradicional, desenvolvido e aprofundado ao longo dos últimos 20 anos, veio a originar um movimento de intenso revivalismo que, genericamente, veio trazer uma acrescida qualificação ao bordado da Terra de Sousa. Com efeito, para além do regresso ao uso do linho, verificou-se o retorno a desenhos mais elaborados e bordados de modo mais exigente, com maior variedade de pontos, tornando ainda dominante o uso da paleta do bege, desde o branco e o pérola ao cru e cor de estopa.

A cor das linhas tem seguido esta moda e, nos nossos dias, borda-se sobretudo em branco ou pérola. Quer isto dizer que não existem quaisquer constrangimentos relativamente ao uso de outras cores, quer no tecido base, quer nas linhas do bordado, apesar da imagem atual, apoiada numa estética de carácter nostálgico e revivalista, privilegiar a paleta dos brancos e beges.

No que respeita às linhas há a considerar, para além da cor, outras características como o número de fios, a espessura ou a torção de cada um.

A linha mais comummente usada talvez seja a **"linha de um só fio"**, na cor branca, nas espessuras nº16, a mais grossa, nº20, nº25, nº30 e nº40 a mais fina.

A linha **"mouliné"**, constituída por 6 fios, é utilizada quer na cor branca, quer noutras. Quando se pretende bordar a fio de linho a referência utilizada nos números 10 e 20. Para bordar a **"seda"**, na realidade viscose, seda artificial produzida a partir de celulose, quer a branco quer a cores, a composição da linha é 100% "**rayon"**.

Também se pode utilizar fio metálico em dourado e prateado.

Já a linha com o seu famoso brilho de pérola também conhecida por **"perlé"**, é utilizada nas espessuras nº4, nº6, e nº12.

3.2 Utensílios

Num bordado, o essencial da sua definição tem a ver com os pontos que o concretizam num determinado desenho, motivo ou padrão.

Todavia, na execução desses pontos podem verificar-se técnicas de diversa ordem, denunciando um maior ou menor profissionalismo, uma maior ou menor exigência.

Na generalidade, qualquer bordadeira borda, quase sempre, sem bastidor. Um bastidor á um auxiliar da técnica de bordar que pode assumir diversas formas. Os mais simples são constituídos por dois aros de madeira, quase do mesmo tamanho que, ao encaixarem um no outro, entalam o tecido. Ao manter o pano igualmente esticado em todas as direções, o uso do bastidor facilita o apuro do bordado, evitando as distorções e enrugamentos do tecido devido ao trabalhar dos pontos. Este bastidor, pequeno, fácil de arrumar e transportar, não se torna cómodo ou agradável de usar e, muitas vezes, só se utiliza ma execução de um particular ponto mais exigente e não de todo o bordado. Para facilitar o seu uso, há quem o prenda pressionando-o entre o peito e o rebordo de uma mesa, o que permite bordar com as duas mãos, uma colocada por cima, do lado direito do bordado e outra por baixo, pelo avesso.

Todavia, a bordadora, assim que pode, abandona-o e recomeça a bordar com o tecido apoiado no dedo indicador da mão esquerda (no caso de ser dextra). O bordado executa-se então quase só com a mão que segura a agulha, onde se encontra a linha que está a ser usada.

Vem isto a propósito da engenhosidade das bordadeiras da Terra de Sousa.

Só compreendendo o modo como se coloca o problema se pode valorizar devidamente a solução encontrada. É que estas bordadeiras bordam no **papelão**. É assim que toda a gente diz e é preciso ver para acreditar.

Há muito mais de cem anos, quando esta produção se terá iniciado, os bordados eram, não só extremamente elaborados, como se dirigiam a um mercado constituído por pessoas de uma enorme exigência. As senhoras que então compravam as peças bordadas eram, na sua generalidade, elas mesmas, embora amadoras, exímias bordadeiras, pois nessa altura a educação das meninas pressupunha incontáveis horas a aprender a bordar.



Quanto mais requintada e cuidada era a sua educação, mais percebiam e sabiam de bordado. Quando as bordadeiras da Terra de Sousa começaram a bordar para este mercado tiveram que resolver a questão da qualidade e apuro do seu trabalho. Se nunca tivessem aprendido a bordar corretamente, com um bastidor de pé, essa questão não se lhes colocaria, mas depois de bordar num, é difícil, senão, impossível, bordar com a mesma qualidade, sem esse extraordinário apoio. Todavia, nas suas casas pequenas, sobrepovoadas de crianças, onde era preciso correr de janela a janela a aproveitar a luz do dia, com a multiplicidade de tarefas da sua vida doméstica, a necessidade de poder transportar o trabalho de um lado para o outro impunha-se e, com isso, a necessidade de transportar o próprio bastidor.

Nada se sabe de quem terá sido a gloriosa invenção hoje em uso. O que é certo é que, mantendo as suas características, merecia e deveria ser melhorada. Imagine-se uma revista ou um jornal dobrado em quatro. Fica-se com uma pequena superfície, de cerca de 20 centímetros por uns 30. Esta superfície, que apresenta alguma maleabilidade, mas não excessiva, é então forrada com o **papelão** propriamente dito, tradicionalmente o papel dos sacos de farinha, mais grosso que papel de embrulho normal, mas que ainda se deixa atravessar por uma agulha. É nesta **almofada**, que não chega a ter a espessura de um dedo, que a bordadeira prega o serviço, ou seja, cose o tecido já riscado ao papelão, definindo, com alinhavos, um círculo mais ou menos perfeito. Depois é só bordar, poisando o **papelão** em cima de uma mesa, ou ao colo, no caso de estar sentada baixa. E a bordadeira borda. E borda muito bem, com as duas mãos pelo direito do tecido: a mão esquerda (no caso de der dextra) segura a linha, o que levanta ligeiramente o tecido favorecendo a execução dos pontos com a mão direita. O bordado assim executado nunca fica **arrepiado**, com gelhas e a tensão dos pontos regula-se melhor sem provocar distorções e favorecendo um bom resultado final.

Esta técnica do **papelão** é a grande responsável pela permanência e uso de tantos e variados pontos no maior centro produtor de bordado de Portugal Continental, muitos deles especialmente difíceis de fazer e que, em todos os outros locais, foram abandonados pelos problemas levantados na sua execução. Foi o **papelão** que permitiu a conservação de um completíssimo vocabulário técnico mantendo em uso essa enorme variedade de pontos, que confere a este centro produtor a sua principal característica identitária, não igualada por nenhum outro.















3.3 Organização da produção

Desde logo um paradoxo: a importante produção de bordado que se verifica por toda a Portela da Lixa, e áreas confinantes, não é entendida localmente como algo que mereça algum destaque. Não se encontram postais, antigos ou modernos, com bordadeiras, não há monografias a cuidar do tema muito menos se verifica a existência de qualquer sinal que celebra o bordado ou as suas cultoras: nome de uma praça, de uma avenida, uma estátua... Nesta aparente falta de visibilidade, na moda como tudo parece tão "natural", encontram-se os sinais que denunciam a efetiva importância do bordado e o quão profundamente se insere nas estruturas sociais e económicas da área.

Como já foi referido efetivou-se, em novembro de 2005, um inquérito ao qual responderam 708 bordadeiras. Os seus resultados permitem objetivar o sistema produtivo do bordado de Terra de Sousa, caracterizando algumas das suas principais variáveis. Tendo-se feito um inquérito muito semelhante em 1995 estes resultados permitem ainda avaliar a evolução verificada nestes últimos dez anos.

Ao contrário do que muitos, exteriores à região, pensam, este bordado é feito em estruturas profissionais, empresas que, nalguns casos, podem ter a bordar para si quase 200 bordadeiras... A regra não será esta e, o número médio de bordadeiras por **riscadeira** ou **contratadeira**, nomes que por vezes designam as **patroas** andará pelas oito, existindo, como se imagina, todas as possíveis modulações: bordadeiras que trabalham sozinhas e vendem em feiras de artesanato ou são procuradas nas suas casas pelos clientes, bordadeiras que bordam para várias casas, bordadeiras que bordam apenas para uma única empresa.



Casa do risco

De facto, o que o Inquérito de 2005 revela de mais espantoso é a constância da proporção de bordadeiras por conta própria e daquelas que bordam por conta doutrem: 11.1% e 85.9%, respetivamente, havendo cerca de 3% de' bordadeiras que não respondem à questão. Esta mesma razão revelou, em 1995, valores muito próximos, 10,2% e 82,9 % respetivamente. Igualmente significativa da constância do modelo de produção é a resposta que as inquiridas deram à pergunta sobre a dedicação em exclusividade ao bordado, pois cerca de 83% revelou que não tem nenhum outro emprego que não bordar (em 1995 a percentagem era um pouco mais elevada, de 89%). Com estes elementos não surpreende que 75% das inquiridas revelem que trabalham a tempo inteiro no bordado.

Caracteristicamente, a produção do Bordado da Terra de Sousa implica a existência de uma estrutura responsável pela compra dos materiais e definição do desenho. O desenho passa para o papel de um modo, estranhamente, pouco profissional, de um empirismo que, muitas vezes, é o responsável por alguma falta de qualidade. Aqui os desenhadores não são profissionais, no sentido de terem tido uma formação ou treino, específico e cuidado, na área do desenho. como acontece, por exemplo, na Madeira. Os desenhos, originais ou não, são passados a lápis para um papel vegetal. Este coloca-se sobre o tecido a riscar, com um papel químico por baixo e, ao riscar novamente o vegetal, por cima do desenho inicial, passa-se o desenho para o tecido. O papel vegetal com os desenhos, serve até que se rasga e degrada, não permitindo outras utilizações.

Como o papel químico existe em dimensões pouco apropriadas à totalidade dos padrões, muitas vezes o desenho é passado por partes para o tecido, originando pequenas distorções. Também a mão que decalca o desenho nem sempre tem a segurança necessária para riscar sem introduzir variações, ou seja, todo este processo, de um amadorismo confrangedor, é responsável por muita da má qualidade de algum bordado, pois que não há bordadeira que "salve" um mau desenho.

Foi a pensar neste conjunto de problemas que a Casa do Risco, ainda em 1997, investiu no desenvolvimento de um projeto que permitisse ultrapassar tais constrangimentos. Apesar de se conhecerem os excelentes resultados obtidos na Madeira, estava fora de questão copiar o processo que ali se utiliza: sobre folhas de papel vegetal para as quais se transpôs um desenho, pelo processo de uma micropicotagem, passa-se uma "boneca" com um corante, o qual estampa no tecido aquele desenho previamente picotado. Reconhecendo-se a grande qualidade que traz para o Bordado da Madeira, trata-se de facto de uma tecnologia do século XIX, com os correspondentes custos de mão-de-obra, incomportáveis nos nossos dias, sobretudo quando já se está a produzir um produto que é, por natureza, muito caro. O bordado manual, será cada vez mais um produto de luxo, pelo que há que saber economizar em todas as operações que a sua produção implica exceto, evidentemente, o próprio bordado.

Resumindo, pode dizer-se que se encontrou uma máquina, uma plotter, que risca diretamente o tecido, que pode ter até 2 metros de largura, mediante a sua ligação a um computador que possui as instruções de cada desenho.

Uma das grandes vantagens de todo este processo é que os desenhos não só se podem fazer com apoio informático como se podem digitalizar, ou seja, desenhos que só existem em suporte de papel, podem ser lidos e armazenados no computador.

Tal significa a existência, extremamente acessível, de um arquivo de desenhos e a facilidade de se manipularem e criarem novos motivos, bem como a possibilidade de recuperarem desenhos antigos digitalizando os próprios bordados, com essa acrescida vantagem de todos estes resultados poderem passar, rapidamente e com qualidade, diretamente para as peças a bordar.

A Casa do Risco foi pensada como uma estrutura que, entre outros serviços a prestar aos produtores de bordado, disponibilizaria este apoio na transposição do desenho para o tecido, o que tanto pode fazer a partir do desenho que um potencial cliente lhe apresente. como a seu pedido, desenvolver um novo desenho.

De um modo geral, são os responsáveis pela empresa que riscam os tecidos e como na sua larga maioria se trata de mulheres, estas patroas são conhecidas por **riscadeiras**. As **contratadeiras**, uma designação que por vezes também lhes é aplicada preparam, assim. os tecidos, talhando-os e passando os desenhos. Posteriormente cada obra irá "correr" diversas bordadeiras, pois que uma

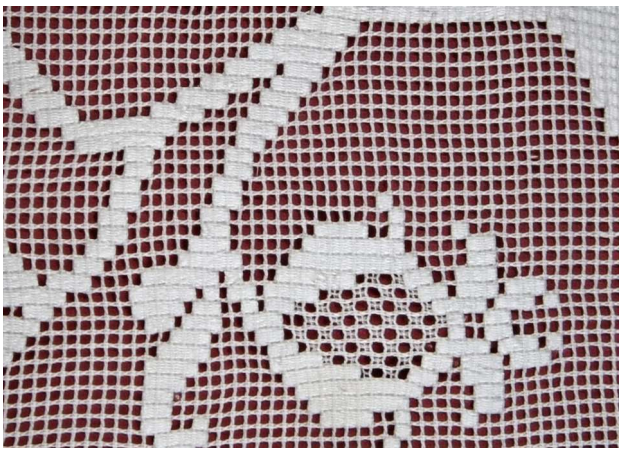
prática ainda comum consiste em fracionar a própria execução do bordado - uma bordadeira faz os **crivos**, outra os **pontos reais**, outra as **bainhas** e assim por diante.

Se na origem poderá ter estado a preocupação de garantir a maior qualidade e rendimento, pois que se trata de tarefas diferentes e a mesma pessoa pode não garantir igual qualidade de execução, ou ainda, gostar menos do trabalho conforme se trata de um ponto ou outro, aquela prática acabou por ter o efeito perverso de, durante algum tempo, impedir a autonomização das bordadeiras que eram induzidas a aprender só uma parte das técnicas de bordar perpetuando-se uma situação em que elas estariam sempre dependentes das patroas nas várias intermediações.

Com efeito, a **contratadeira** constitui um elemento que, da origem ao produto final, controla e domina todo o sistema pelo que, as bordadeiras não tinham, até há poucas décadas, qualquer hipótese de criarem o seu próprio mercado, devido ao seu conhecimento parcial do conjunto de tarefas a executar. Com a quantidade de cursos de Formação Profissional concretizados na região, com o apoio do Fundo Social Europeu, já não é tão decisivo este conhecimento fracionado da realidade do bordado, pois agora quem quiser aprende o que precisa. Tal não significa um caminho livre de escolhas para a bordadeira que se queira autonomizar: não tem capital para comprar matérias-primas nem para estar a trabalhar sem receber: tem problemas com o desenho e com o escoamento da produção. nomeadamente na ligação a mercados mais longínquos. Sendo estas dificuldades assaz significativas, há que acabar de uma vez por todas com o discurso que estigmatiza, de forma apressada e preconceituosa, a função do intermediário. É não só bom, como absolutamente indispensável, que existam pessoas (como felizmente existem). com iniciativa para criar mercados e que, ao garantir o escoamento do produto, são os responsáveis pela própria sobrevivência da atividade. Os problemas que por vezes se verificam radicam no isolamento e desorganização das bordadeiras e na falta de clarificação de algumas das "regras do jogo", sempre tão difíceis de estabelecer no seio de uma atividade que funciona, largamente, de um modo informal.

Já se viu como, em 1995, 89% das inquiridas não tinham qualquer outra atividade senão o bordado, contudo só 43% se lhe dedicava a tempo inteiro. Nos últimos dez anos, verifica-se o reforço do papel do bordado na economia das famílias pois embora a percentagem das que se dedicam ao bordado como única atividade tenha diminuído para 83%, torna-se muito significativo que a percentagem daquelas que se dedicam ao bordado a tempo inteiro tenha subido para 75%. Ou seja, as bordadeiras não só tentam ter outras ocupações remuneradas, como dedicam mais do seu tempo à atividade de bordar, no que, certamente, a crise de emprego local joga um papel importante. No entanto, como já foi referido, mantém-se quase inalterada a proporção das bordadeiras a trabalharem por conta de outrem.











3.4 Mercado

Um dos aspetos mais interessantes na consideração da realidade da produção do Bordado da Terra de Sousa diz respeito ao modo como definiu um mercado que, muito rapidamente, teve uma expressão suprarregional. Quando, nas últimas décadas do século XIX, se terá iniciado a produção deste bordado, tendo em vista a satisfação de necessidades exteriores às famílias que o produziam, ter-se-á colocado de imediato a questão do escoamento do produto. Não se sabe exatamente como tudo aconteceu. Imagina-se, sem dificuldade, que resolvidas encomendas de carácter mais local, as bordadeiras rapidamente se tivessem apercebido do potencial traduzido pelo tráfego da Estrada Real que, sublinhando a Portela da Lixa, corria do Porto em direção a Vila Real, a grande via de acesso rodoviário a Trás-os-Montes. Um pouco acima de Vila Cova, esta estrada cruzava com outro eixo viário de grande importância regional, a estrada que ligava Amarante a Guimarães e que, muitos séculos antes, integrava um dos Caminhos Portugueses de Santiago. O potencial. locativo de Vila Cova da Lixa desde sempre fez a fortuna do lugar, onde o comércio já então apresentava grande expressão, dando-lhe mesmo, até há pouco menos de 30 anos, um carácter mais urbano que tinha então Felgueiras, a sede do concelho. É no aproveitar dos conhecimentos dos negociantes da Lixa e nas virtualidades trazidas pelo cruzamento de vias tão importantes, que se deve procurar o sucesso das empresas ligadas ao bordado. E, ainda nos nossos dias é visível a importância que pode ter a proximidade "à estrada": não só garante o comércio de passagem, de impulso, como, sobretudo, funciona como uma montra e chamariz a uma escala muito superior: fica-se a saber que, ali, há quem venda bordado...

Por muito pobres que fossem todos aqueles lugares (e eram), por muito remotos que parecessem a um viajante mais urbano (e pareciam), por muito desconhecidas que fossem aquelas povoações (o que ainda hoje acontece), elas nunca estiveram à margem do mercado e os bordados, que sempre tiveram um carácter sumptuário e supérfluo, nunca foram produzidos para ali serem usados. Num primeiro momento terão sido escoados através de Guimarães, o grande centro nacional produtor de linho, mas rapidamente ganham um mercado mais vasto aproveitando todas as virtualidades do

cruzamento daquelas vias. De facto, não é por acaso que sendo a origem Figueiró, os bordados tenham sido, no início, comercializados a partir da Lixa, acabando por ganhar esta denominação num processo semelhante ao que ocorreu com o Vinho do Porto, que nesta cidade é exportado sendo produzido bem longe. Também a sublinhar a importância das vias no acesso ao mercado está a própria área de ocorrência do bordado, que se difunde a partir da Estrada Real, com uma particular relevância e incidência nas freguesias que se localizam na bacia do Sousa.

Escoamento do bordado	Quando começou a trabalhar	No momento atual
Airães	113 citações	115 citações
Vila Verde	122 citações	82 citações
Lixa	110 citações	80 citações
Serrinha	18 citações	21 citações
Figueiró	49 citações	19 citações

Apesar das bordadeiras trabalharem, em larga medida, por conta de outrem, e ser a empresa que controla o processo de comercialização, a bordadeira faz uma ideia, ou julga fazer, aonde o seu trabalho vai parar. Com efeito, 86% das bordadeiras mencionam esses destinos, quando questionadas sobre dois momentos distintos: no início da sua profissão e na atualidade.

Apesar de variarem em termos relativos, o maior significado destes números diz respeito ao facto de estes centros locais estarem a perder importância como destino imediato na comercialização do bordado. Fazendo as contas, percebe-se que estes locais significam, atualmente, com 317 citações, cerca de 45% do total, quando num período que se pode situar na década de 70, essas citações, 413, significavam mais de 58%, ou seja, a ligação aos mercados exteriores à região, faz-se cada vez mais diretamente. Este cuidado e investimento na procura de mercados mais longínquos não é recente, pois se encontrou uma referência de 1926 **à Indústria de D. Maria Rachel Medeiros Novaes**, da Lixa-Douro a expor e vender, durante as Festas da Agonia, em Viana do Castelo, **"um completo sortido em trabalhos de bordado fino, grosso e crivo"**[8].

Contudo aquela pergunta, quando se colocou, pretendia avaliar as ligações funcionais ou de complementaridade com Guimarães, o que não veio a estabelecer-se deste modo, dado que aquelas já não existem na memória das atuais bordadeiras. Todavia, é ainda fácil encontrar bordadeiras de Airães, por exemplo, que bordavam, quase exclusivamente, Bordado de Guimarães: "Era todo feito aqui" afirmam convictas.

[8] In Aurora do Lima, 17 de Agosto de 1926, 3ª página. Viana do Castelo.

3.5 A Bordadeira



As bordadeiras que fazem do Bordado de Terra de Sousa a maravilha que é, aprenderam a bordar bastante novas: entre os dez e os quinze anos foram quase 59%! E com menos de dez anos, 25.6%. Não surpreende, deste modo, que 72.5% do total tenha aprendido com alguém da sua própria família. O carácter doméstico e privado desta ocupação reforça-se ainda quando se sabe que outros 20% aprenderam com uma vizinha. Cruzando uma informação com outra percebe-se que, ainda na atualidade, só quem se iniciou no bordado depois dos 20 anos o fez segundo outras condicionantes, em que a família nem interveio nem foi decisiva. Todavia, já atinge 11 % do universo das bordadeiras inquiridas aquelas que referem a frequência de uma ação de formação, ou seja, que reconhecem a vantagem de aperfeiçoarem os seus conhecimentos.

O início do bordar como atividade profissional fez-se para uma clara maioria (58,9%) entre os 10 e os 15 anos e, como é evidente, a bordar desde tão novas, compreende--se que quase 70% (65.8%) das acuais bordadeiras não tenha ultrapassado os quatro anos de escolaridade.

Há pouco mais de trinta anos considerava-se o exame da 4ª classe, como a passagem para uma precoce vida de trabalho e eram muitos e muitas, aqueles que, por uma total falta de condições sociais, não podiam progredir. Na altura já se considerava um grande progresso a frequência da escola que ainda na geração anterior deixava tantos de fora. No caso das bordadeiras o analfabetismo ainda atinge 705% do total.

Só uma pequena percentagem de bordadeiras — 12.7% — é capaz de riscar o seu bordado. De facto, a organização da atividade leva a que 85.9% trabalhe por conta doutrem pelo que a regra é o tecido, cotado e riscado, chegar à bordadeira que só tem que o bordar com linhas entregues também pela empresa para quem trabalha.

Caracterizar as bordadeiras da Terra de Sousa através de elementos trabalhados estatisticamente, se traz consigo um acréscimo de rigor, exclui a possibilidade de transpor e dar a conhecer a realidade plural deste grupo de mulheres. E não há estatística possível que permita mencionar a sua generalizada simpatia e afabilidade ou que traduza a generosidade do seu sorriso.

O duro ofício de bordar submete estas mulheres a uma posição necessariamente contida onde só as suas mãos se afadigam na criação de insuperável beleza. Todavia, no silêncio sossegado em que bordam, os seus sonhos agigantam-se, ganham asas e voam.





4 . O Bordado da Terra de Sousa

4.1 Considerações prévias

Não é fácil apresentar os pontos de bordado feitos na área onde se produz o Bordado de Terra de Sousa. E não é fácil por muitas e variadas razões donde se salienta, em primeiro lugar, a dificuldade de o fazer em português. Com efeito a análise das técnicas de bordar pressupõe o recurso a um vocabulário especializado, que contemple um conjunto alargado de pontos e que, ao mesmo tempo, seja universalmente reconhecido e utilizado! Ora tal não acontece no contexto da língua portuguesa, pois nunca existiu uma obra, suficientemente completa e organizada, que vertesse para português os nomes dos mais de 300 diferentes pontos de bordar que se conhecem, devidamente inventariados e apresentados, consultando a bibliografia existente noutras línguas, nomeadamente em inglês.

Mesmo os pontos mais comuns se apresentam, de região para região, com nomes diferentes. Para dar dois exemplos: na Madeira ninguém conhece o "ponto cheio" senão por "bastido" e o "ponto pé de flor"" que, em Tibaldinho, se chama "ponto de pé a fugir" ou ponto "a fugir", em Viana do Castelo, "cordão" ou "ponto de haste", na Madeira toma o nome de "ponto de corda". Não surpreende assim que, sendo desta ordem as variações existentes em pontos tão banais, a confusão seja total quando se trate de pontos menos vulgares. Na origem deste problema encontra-se. pois, o facto de nenhuma das obras de referência que existem em francês e em inglês ter sido traduzida a tempo de influenciar o vocabulário português banalmente utilizado na atividade de bordar, situação que, entretanto, se alterou, pois que, desde 2000, existe a tradução de um Dicionário de Pontos da autoria de Lucinda Ganderton. editado pela Livraria Civilização Editora. Todavia a tradutora deste livro, perante o vazio lexical existente e sabendo pouco ou nada de técnicas de bordar, traduziu de forma literal, não aproveitando aquilo que, apesar de tudo, ainda se pode encontrar na língua portuguesa. Para dar um exemplo running stitch foi traduzido por ponto corrido. De facto, em inglês "to run" significa "correr", mas o dito running stitch em bom português chama-se, em contexto de costura, alinhavo e, em contexto de bordado, ponto adiante. Percebe-se, pois, que ainda não foi desta vez que o problema fica resolvido sem se aumentar a confusão. De qualquer modo, mesmo que aquela obra signifique um avanço relativamente à situação que se vivia, ainda não houve tempo de os seus efeitos (os bons e os menos bons...) se fazerem sentir.

Mas não foi só o facto de nunca te existido em português uma boa obra de referência que levou a esta situação, pois parte do problema reside naquilo que, entretanto, se foi difundindo: veja-se o caso da simpática e popular revista "Para Ti", publicada mensalmente desde Agosto de 1952 e que, de número para número, dá, ao mesmo ponto, designações diversas[9] ou que dá o mesmo nome a pontos muito diferentes.

Mas outras razões existem ainda a dificultar a apresentação dos pontos usados no Bordado de Terra de Sousa. Em qualquer região produtora de bordado encontra-se, caracteristicamente, uma certa gramática decorativa, cuja especificidade é sublinhada pela correspondência, a cada motivo, de um determinado conjunto de pontos que realizam o respetivo bordado.

[9] No nº 140 de março de1964 aparece, num desenho, o esquema do "ponto de galo entrelaçado", o mesmo ponto aparece esquematizado no nº 294 de janeiro de 1977, agora com a legenda "ponto entrelaçado". No nº 290 de setembro de 1976 aparecem os desenhos relativos ao "ponto de recorte" e "recorte largo". Passados 3 meses, no nº 293, relativo a dezembro, os mesmos desenhos têm uma única legenda "ponto de festão" ...

Mas outras razões existem ainda a dificultar a apresentação dos pontos usados no Bordado de Terra de Sousa. Em qualquer região produtora de bordado encontra-se, caracteristicamente, uma certa gramática decorativa, cuja especificidade é sublinhada pela correspondência, a cada motivo, de um determinado conjunto de pontos que realizam o respetivo bordado.



Significa isto, a par com as exigências técnicas que muitos pontos colocam, que a regra geral nos centros produtores de bordado é ser bastante reduzida a panóplia de pontos empregues. Por exemplo, na Madeira, o maior e mais antigo centro produtor português e um dos mais prestigiadas e conhecidos a nível mundial, o conjunto de pontos apresentado na melhor obra sobre aquele bordado identifica 19 diferentes pontos[10]. Também em Tibaldinho foi detetado um número semelhante de pontos de bordar[11].

Já em Castelo Branco, onde se continua a produzir, em bastidor, um bordado especialmente rico, foram recentemente inventariados, nas peças históricas,71 diferentes pontos, embora o conjunto de pontos que 'se tenha popularizado no seu relançamento, a partir dos anos 30 do século passado, seja, significativamente, mais reduzido.

Sendo esta a realidade mais comum, espanta duplamente o que se verifica na Terra de Sousa. Já houve ocasião de referir a profunda diferença técnica que esta área apresenta relativamente a todas as outras, quer nacionais quer estrangeiras. Nunca será demais sublinhar que é na sua diferente técnica de execução que radica toda a individualidade deste centro produtor: Não é que um determinado ponto, como por exemplo o ponto cheio não possa ficar igualmente bem feito sem o auxílio do papelão ou de qualquer outro tipo de bastidor, a questão não é (só) essa. A questão é que dificilmente se encontraria este mesmo ponto

[10] WALKED Carolyn, HOLMAN, Kathy -The Embroidery of Madeira..The Union Square Press, USA, 1987.

[11] Bordado de Tibaldinho, Catálogo de Exposição, Museu Nacional do Traje com Câmara Municipal de Mangualde, Instituto Português de Museus, Lisboa, 1998.

acompanhado por tantos outros ou servindo-lhes mesmo de base, na elaboração das difíceis composições que caracterizam o Bordado de Terra de Sousa, se não fosse essa circunstância.

A característica mais extraordinária do Bordado de Terra de Sousa diz assim respeito à manutenção de um alargadíssimo leque de possibilidades técnicas, mais de duzentos diferentes pontos, que as boas bordadeiras executam com bastante facilidade.

4.2 Pontos do Bordado Terra de Sousa



O desafio de apresentar tantos e tão diversos pontos de bordar esbarrou ainda numa acrescida dificuldade: o facto de todo o ensino ter sido feito, até há vinte anos atrás, em contexto familiar, no reduzido espaço doméstico ou vicinal, reduziu ao mínimo as necessidades de uma nomenclatura própria. Não era preciso nomear ou escrever nada (aliás muitas das bordadeiras seriam analfabetas — vejam-se os índices de analfabetismo das mulheres mais idosas): era só olhar e aprender a fazer com a ajuda da mãe, da tia, irmã mais velha ou vizinha.

É assim que a falta de um léxico específico que acolha em português, todos os diferentes pontos de bordar, se reforça, na Terra de Sousa com o facto de uma larga maioria de pontos não ter sequer nome próprio. Além de um reduzido conjunto de pontos que conseguem individualizar pelo respetivo nome, para as bordadeiras todos os outros cabem, indiferenciados, em amplas categorias como **espinhas, crivos, bainhas, pontos reais, pontos de fundo** ou **adamascados**. No contexto do presente trabalho pediu-se a Emília Guimarães e a Ana Carolina Silva que fizessem todas as amostras de todos os pontos que conhecessem. Já o trabalho estava a ser desenvolvido foi-lhes sugerido que talvez devessem ficar pelos 150 pontos. Quando tal foi dito, riram-se e começaram a contar os pontos já feitos, um número que já ultrapassava os 180... mas estas mesmas bordadeiras são incapazes de individualizar, pelo nome, qualquer uma das **espinhas** ou **crivos** que bordam como ninguém!

Na apresentação de pontos de bordar existem três critérios possíveis de serem utilizados: podem-se ordenar por ordem alfabética do nome, podem-se organizar pelos contextos de utilização ou, ainda, podem-se apresentar pelas semelhanças técnicas e de execução.

O primeiro critério é aquele que, mais recentemente. tem vindo a ser utilizado, encontrando-se, sobretudo, em sites da Internet[12].

O segundo critério, o mais comum, privilegia a função que, potencialmente, cada ponto desempenha na concretização de um determinado desenho. Nestes casos a apresentação dos pontos considera aqueles que são mais apropriados para contornos, cercaduras, a encher fundos, etc.

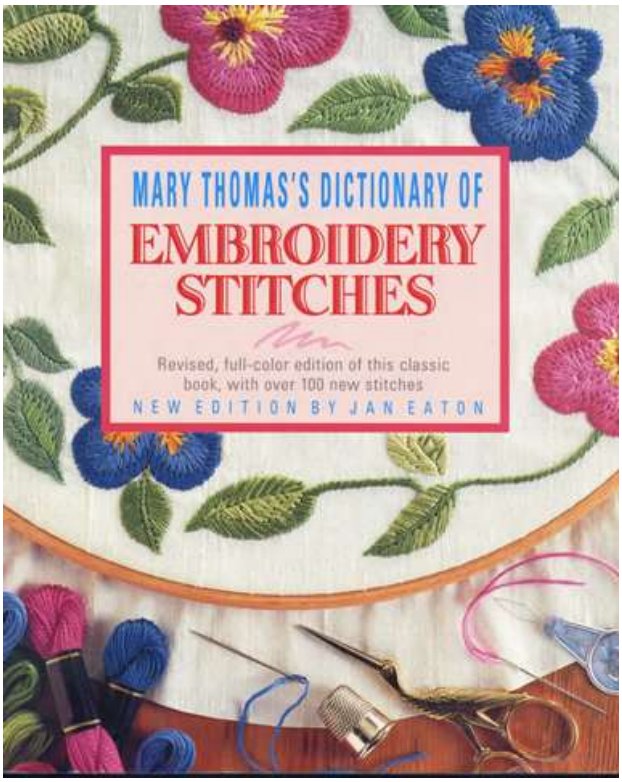
O principal problema nas classificações deste tipo reside no facto de um determinado ponto de contorno, como o ponto **pé de flor** ou o **ponto de cadeia**, poderem ser usados, se feitos em muitas carreiras encostadas umas nas outras, como pontos de fundo... ou seja, nem sempre é fácil definir a utilização mais direta de um ponto, pois quase todos os pontos podem ser utilizados em contextos muito distintos, tal como adiante se verá, exemplarmente, no Bordado da Terra de Sousa. No

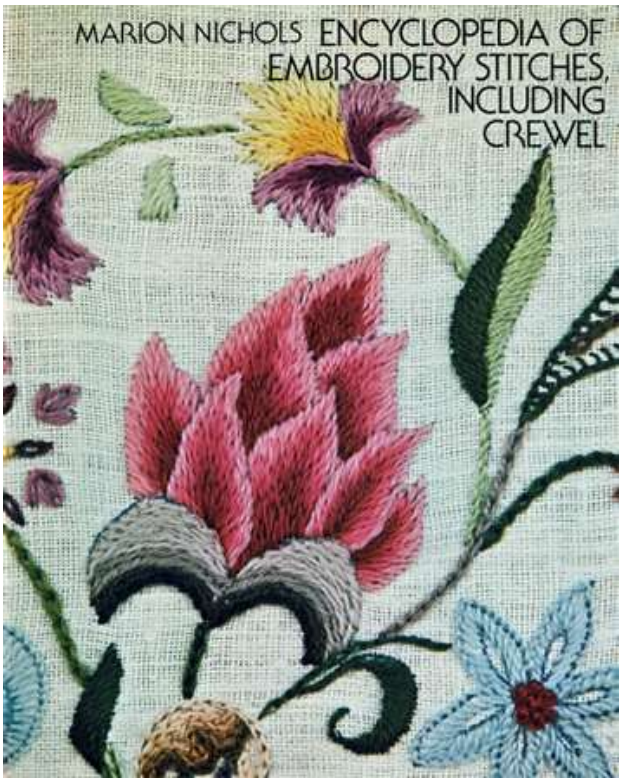
[12] Veja-se, por exemplo, o excelente site: http//inaminuteago.com

caso destas classificações também acontece que, geralmente, lhes sobram uns pontos, mais difíceis de arrumar...

Provavelmente, um dos melhores livros que existe, baseado neste tipo de critério, é o Mary Thomas's Dictionary of Embroidery Stitches. A primeira edição, inglesa, é de 1934, mas tem sido frequentemente reeditado, quer no Reino Unido quer nos Estados Unidos onde, em 2001 (Trafalgar Square Publishing), saiu uma das últimas edições. Também é neste critério que se baseia o já referido Dicionário de Pontos traduzido em português.

O sistema mais interessante, porque mais lógico, é aquele que se fundamenta na técnica de execução, nos movimentos básicos que definem a concretização de cada ponto de bordar. Apelando a um critério de uma inequívoca racionalidade, torna a apreensão dos pontos mais clara, mais fácil, dando à potencial bordadeira toda a liberdade de os utilizar como melhor o entender. Talvez porque exija uma extraordinária compreensão da técnica de cada ponto, são mais raros os livros que o adotam.





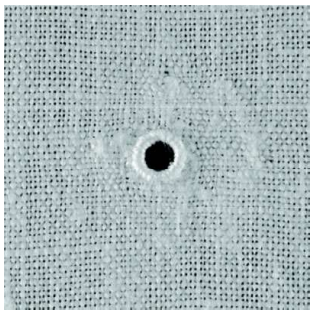
Um deles o dos mais antigos, é o de Mrs. Archibald Christie e serve de base ao grupo de trabalho constituído no âmbito do CIETA (Centre Internationale du Textille Ancien – Lyon) que reunindo especialistas em têxteis, de museus de toda a Europa, está a organizar um vocabulário europeu para o bordado. O seu índice ilustrado está presente no site do CIETA[13]. Um outro livro, mais recente e fácil de obter, Encyclopedia of Embroidery Stitches, foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1974, m tendo, a partir dessa data, conhecido sucessivas reedicões[14].

[13] http://www.annatextiles.ch/

[14] NICHOLS;Marion – Encyclopedia of Embroidery Stitches, including Crewel, Dover Publications, Inc. New York

É assim que, mesmo neste Bordado que varia (e bem) ao sabor das modas, é possível encontrar alguns elementos mais distintivos, que lhe dão carácter e que, num futuro processo de certificação, deverão ser trabalhados no sentido do reforço da sua expressão. Tal é o caso dos **ilhós**, das **aranhas** e das **plantas** e respetivos **sombreados**.












Um **ilhó** é o nome que se dá a um pequeno buraco circular, cujo contorno e remate é feito em **ponto de rolinho**. Característicos do chamado **bordado inglês** continuam muito presentes no **bordado a branco**, quer este se faça na ilha da Madeira, na ilha Terceira ou em Tibaldinho. Contudo, no Bordado da Terra de Sousa, o **Ilhó simples** transforma-se, na maior parte das vezes num **ilhó sombreado**, que ocorre com maior frequência. Este mantém o orifício quase sempre circular o qual, numa das metades deixa, no entanto, de estar rematado por rolinho, que passa a **ponto cheio**, urdido, que então adquire o aspeto de uma meia-lua. Por vezes chama-se cesta a este ilhó.

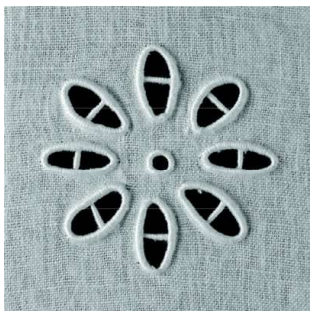
Quando os ilhós se dispõem em arcos, mais ou menos abertos, ou mesmo numa fiada a direito, fala-se de **grega de ilhós**. Os ilhós, isolados ou constituindo estas gregas, aparecem muitas vezes **contornados**, ou seja, a respetiva imagem é reforçada por um contorno feito com **nozinhos** ou **pesponto**.

Ainda no grupo dos pontos abertos, em que há remoção total do tecido, encontra-se, porventura, um dos elementos mais identificadores deste bordado: a**s aranhas**.

A**s aranhas** são ilhós, cujo diâmetro é, quase sempre, um pouco maior que aquele que os ilhós geralmente apresentam. O orifício assim definido é atravessado por linhas onde se tece um fundo semelhante ao de um cesto o qual, embora com expressão variável, nunca ocupa, no entanto, todo o espaço disponível. Noutras **aranhas** o espaço central enfeita-se com umas arças, que se enlaçam umas nas outras.







A bordadeira da Terra de Sousa chama, genericamente **plantas**, a que por vezes também dá o nome de **estrelas**, a motivos, vazados, contornados a rolinho. Trata-se, geralmente, de dores ou ramos, em que o tecido do interior das pétalas, num caso, ou das folhas, no outro aparece removido.

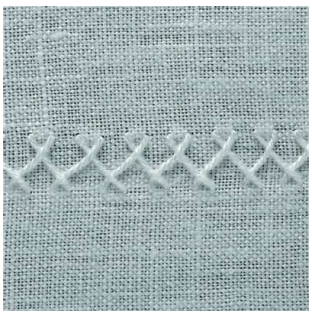
Só no caso dos **ilhós**, o termo **sombreado** refere a característica forma de meia-lua. Em todos os outros casos **sombreado** significa a aposição de um contorno, feito em **pesponto**, reforçando a definição e leitura do motivo, qualquer que ele seja. Na terminologia local **contorno** ou **contornar** emprega-se mais relativamente ao bordar de **nozinhos** à volta de qualquer motivo, enquanto **sombreado** traduz o mesmo tipo de limite, mas bordado a **pesponto**, geralmente bem apertado. Contudo, muitas bordadeiras as não consideram este tipo de distinção e utilizam qualquer um deles, indiferentemente. Aquele sombreado feito com pesponto, que em costura se chama **ponto atrás**, é um dos traços mais distintivos deste bom dado e devia ser mais utilizado, tornando mais fácil, a qualquer pessoa, identificar o Bordado da Terra de Sousa.

O seu nome vem do facto de imitar, pelo direito, a imagem do **ponto de sombra**, um ponto que também ele conhece no Bordado da Terra de Sousa um invulgar e específico desenvolvimento.

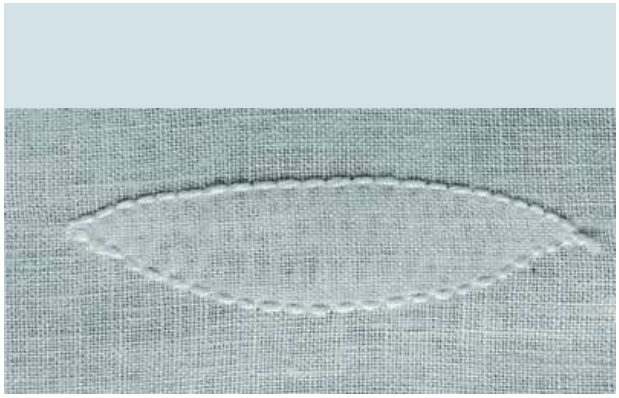


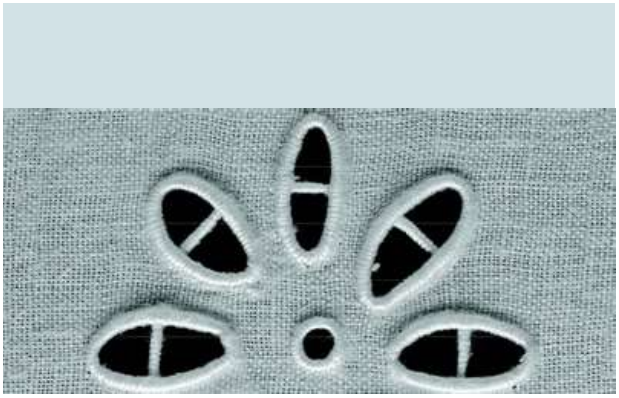
Com efeito, como o nome o indica, o **ponto de sombra** ao colocar mais linha no avesso que no direito, onde só aparece o motivo delicadamente delineado como se fora bordado em pesponto, dá, sobretudo quando se utilizam linhas de cor, na transparência dos tecidos onde faz mais sentido ser utilizado, um efeito de sombra.

Os linhos onde este bordado se começou a fazer não permitiam esse efeito de sombra, por serem demasiadamente opacos. Então, o que era defeito passou a feitio e a bordadeira da Terra de Sousa começou a fazer, previamente, um enchimento do motivo, que depois **bordava a ponto de sombra**, agora devidamente colocado em evidência pelo acrescido relevo. Talvez que, ao observar os bons resultados deste **ponto de sombra urdido** se tenha começado a pespontar os outros motivos, criando uma das marcas mais próprias e únicas deste.



O **ponto de galo** corresponde ao avesso do ponto de sombra, mas é feito com os pontos mais espaçados.



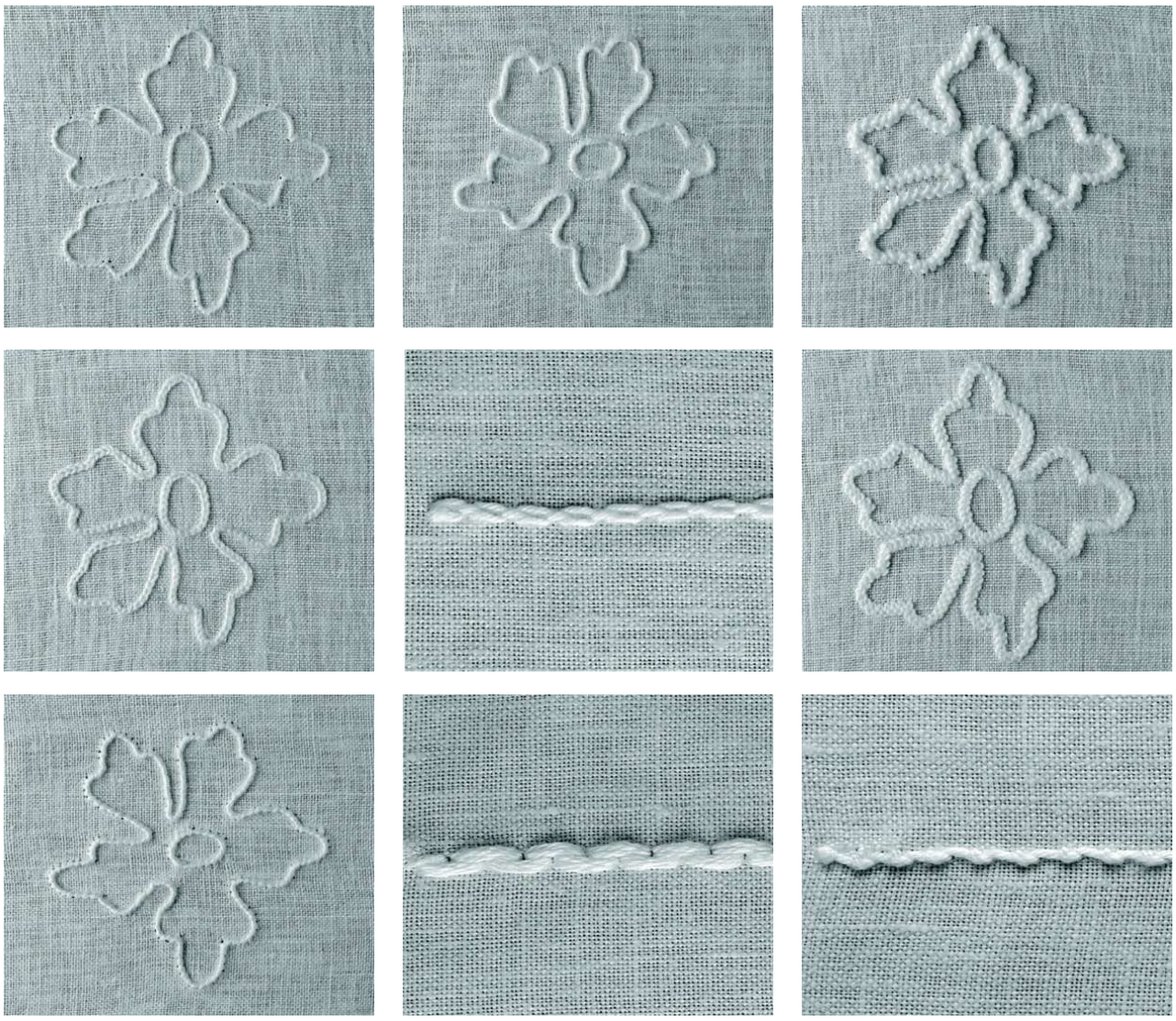






Dadas as características da técnica do **papelão**, deve acrescentar-se que o **ponto de sombra**, é, aqui, feito pelo avesso, ou seja, depois de no bordado estarem concluídos os seus outros elementos, a bordadeira tem que coser o tecido ao papelão, mas agora do avesso. Borda então, no avesso do tecido, a **ponto de galo**, com a linha no seu característico entrecruzar. Como o avesso do ponto de sombra é o ponto de galo, quando acaba de bordar encontra, do direito, o ponto de sombra propriamente dito.

O ponto de **rolinho** é feito enrolando, com pontos muito juntos, uma linha aposta ao tecido e que segue o desenho. Se essa linha é mais grossa e os pontos ficam mesmo muito juntos e apertados, o ponto adquire uma rigidez muito característica, razão por que, noutros tempos, também fosse conhecido por **ponto de arame.**



Se o ponto de rolinho é essencial no contorno de alguns dos elementos mais utilizados no Bordado da Terra de Sousa, outros existem igualmente essenciais na definição deste bordado. Tais são os casos do **cordão antigo** ou **ponto pé de flor** e do ponto de cordão que pode ser **simples** ou **enrolado**, havendo ainda quem chame a este último **torcido**, usados sobretudo no contorno dos desenhos ou em caules ou nervuras, por exemplo.

Mas outros pontos podem servir, e servem, para bordar traçados mais lineares. Tais são os casos do **ponto de cadeia**, do **ponto de corrente** ou mesmo do **ponto atrás desencontrado.**

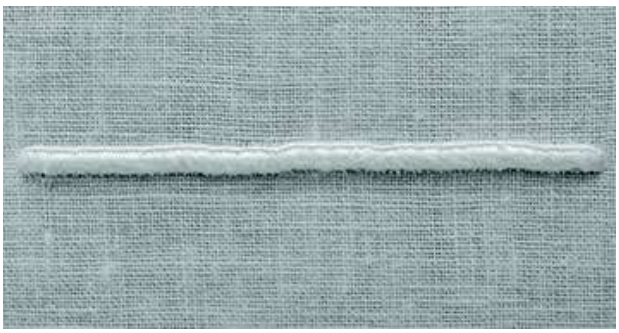
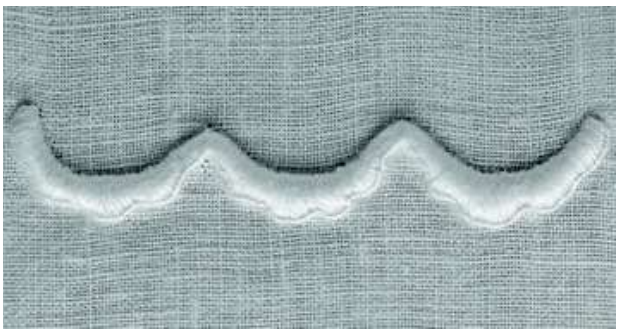
Também o **ponto de grilhão**, na sua versão mais correta ou mais apressada, o chamado grilhão rápido e o **ponto de coral** são utilizados a bordar elementos de natureza linear, sobretudo quando se lhes quer dar mais expressão e rugosidade.







Um dos pontos mais banais de bordado é o **ponto lançado**. Neste bordado, tantas vezes opulento, o ponto lançado (e o **ponto adiante** – o banal alinhavo) quase que só serve para urdir os pontos reais, exceto quando se trata de fazer os contornos de flores ou folhas, em que aparece de dois distintos modos: com os pontos todos iguais e toma o nome de **meia pena**, alternando um poto maior com um ponto menor e fica a chamar-se **dente de cão!**





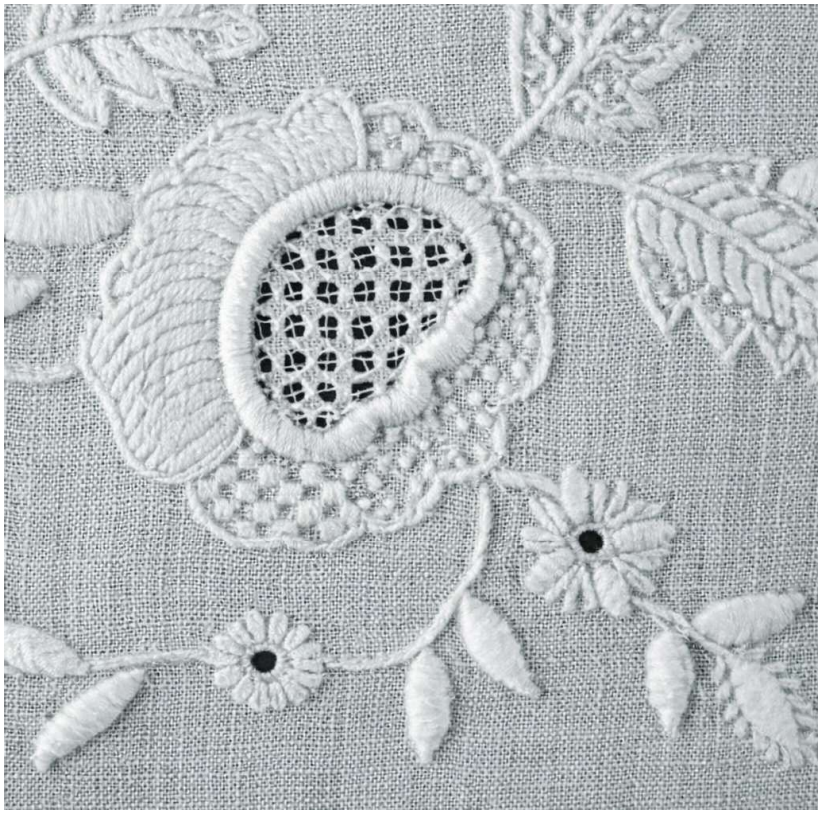
Outro conjunto de pontos, extremamente utilizado, é aquele que se baseia no vulgar **caseado**, um ponto que em contexto de bordado e urdido – ou seja com enchimento prévio – toma o nome de **ponto de recorte**. Quando o ponto de recorte desenha uma linha a direito dá-se-lhe o nome de **recorte a direito**. Quando o desenho a bordar continua a ser uma linha a direito, mas o bordado, de lado da aselha, apresenta um contorno ondulado, toma o nome de **recorte do serrão**. Todavia **recorte simples** é aquele em que o bordado – sempre o mesmo ponto – desenha uma linha duplamente ondulada. Contudo, muitas vezes, este recorte simples, complica-se, surgindo, ao lado da aselha, outras ondulações, à semelhança do que acontece no recorte do serrão, passando a ser um **recorte trabalhado**.

Noutros casos o ponto de recorte, em vez de ser urdido e bordado com pontos muito juntos é bordado de forma mais espaçada, tomando, naturalmente, o nome de **recorte espaçado**. Algumas vezes a bordadeira trabalha a laçada do ponto de recorte, mas, como acontece na maioria dos casos não lhe dá nenhuma outra denominação.

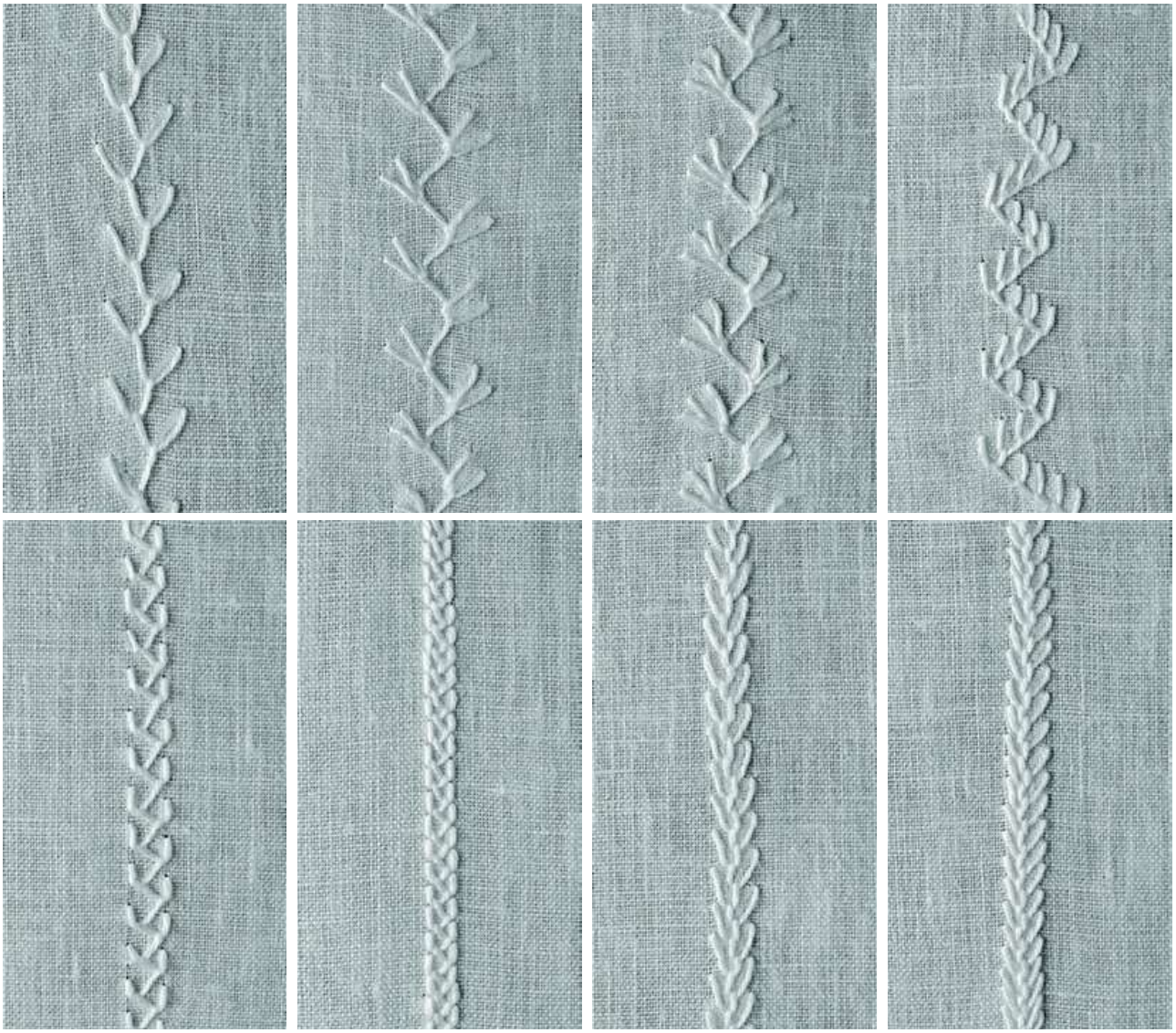
Serve isto para dizer que o **ponto de recorte espaçado** pode ter várias leituras, que não dependem da grossura da linha ou do espaçamento dos pontos, mas sim da técnica com que é feito. Em rigor trata-se de pontos diferentes, embora com grandes semelhanças entre si, a que a bordadeira dá o mesmo nome.







Também o **ponto de cadeia** pode ser feito sem ser em contínuo, a formar uma linha, quer seja direita quer seja ondulada. Quando os seus elementos se destacam, geralmente estes organizam-se em círculo e o ponto torna o nome de **ponto margarida.**



Espinhas constitui uma denominação que, na Terra de Sousa, recobre uma grande variedade de pontos que, noutros locais apresentam nomes como **ponto de espinha, ponto de pena, ponto de feto, espinha dupla, espinha fechada, ponto de asna, ponto de seta**. . . "sabe, desde que tenha bicos assim para os lados é uma espinha"!











Se o Minho fosse um ponto de bordar uma das sugestões mais acertadas seria naturalmente, mencionar o **ponto de canutilho.** Trata-se de um ponto muito fácil de reconhecer, aliás é tão fácil de identificar como difícil e melindrosa é a sua execução. Há locais, no Minho, em que é pouco utilizado, mas, aqui, na Terra de Sousa, e em Guimarães é um dos pontos que ganhou a preferência das bordadeiras, que o utilizam generosamente, praticamente em todo o tipo de motivos e situações.





Entre os pontos mais comuns encontra-se o **ponto cheio**: o motivo, depois de passado um pontinho adiante a contornar o desenho, é urdido, ou seja, no seu interior passam-se uns alinhavos ou - coloca-se uma linha ou várias sobre ele, que depois são tapados com o **ponto cheio** propriamente dito. A beleza deste ponto tem tudo a ver com a junção de cada ponto ao anterior e com o respeito pela linha do desenho.

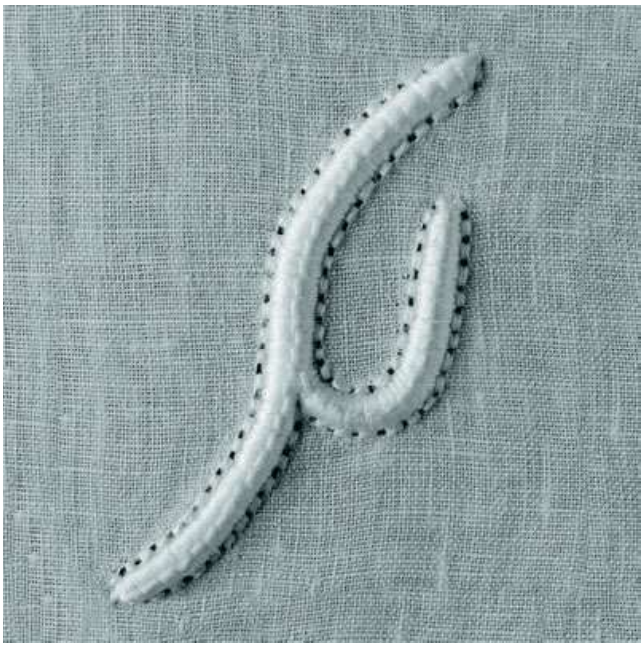
Talvez por que a sua utilização tem tudo a ver com as hastes de letras ou caules, a bordadeira chama a estes motivos a cheios **"troços"**.

São estes troços, grossos como os de couve galega, fartos e ricos como uma penca, em noite de Consoada que, bordados a ponto cheio — já de si um ponto rico e requintado — vão servir de base a outros pontos, adornando-se com um excesso de trabalho, verdadeiramente insuperável, de tal modo que em todas essas situações se pode falar, e fala. E ninguém tem dúvidas sobre a real categoria de tal trabalho, cujo grafismo remete para outros tempos e outras estéticas.





Troço a cheio simples



Troço com ponto atrás sombreado



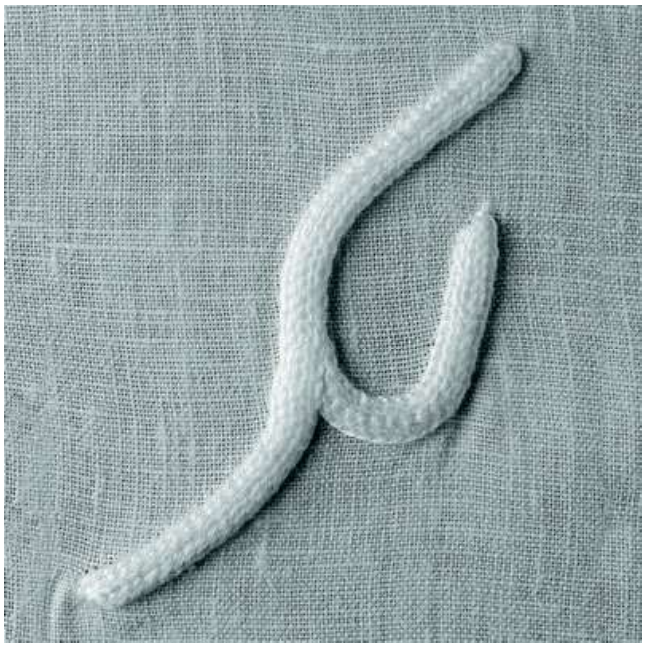
Troço com bolinhas



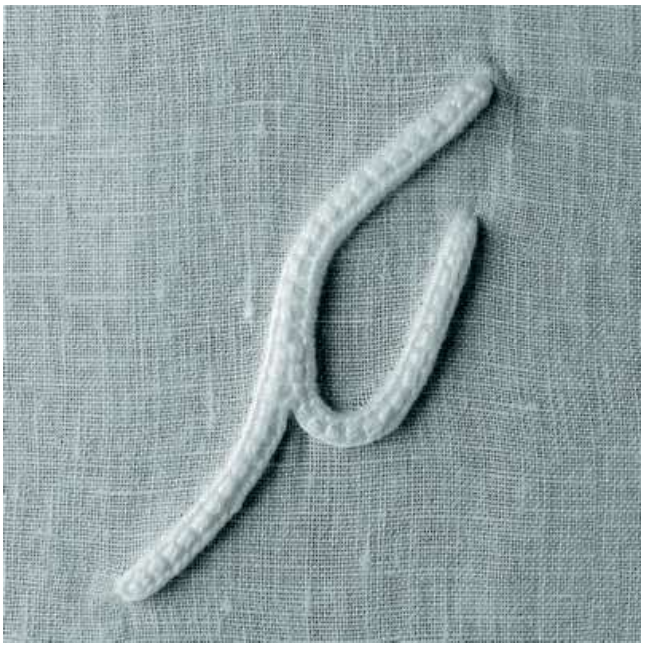
Troço com pastinhas



Troço com canutilho



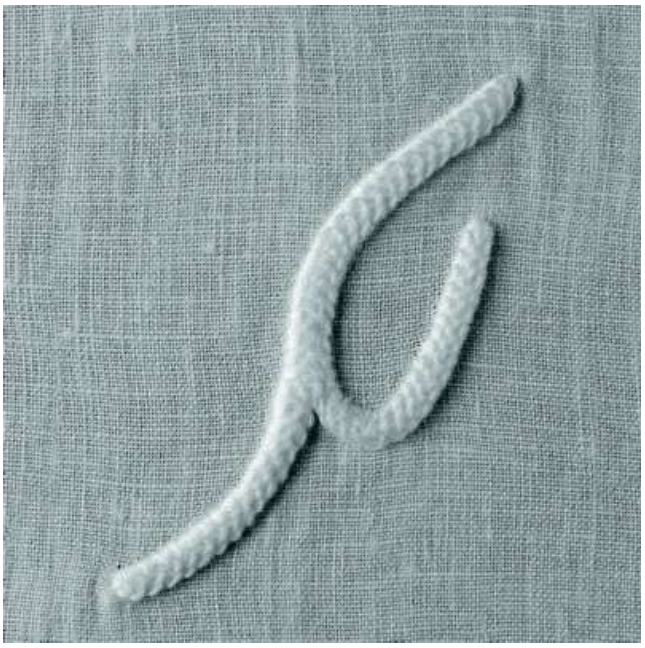
Troço com ponto cadeia



Troço com ponto atrás desencontrado



Troço com pastilhas



Troço com espinha simples



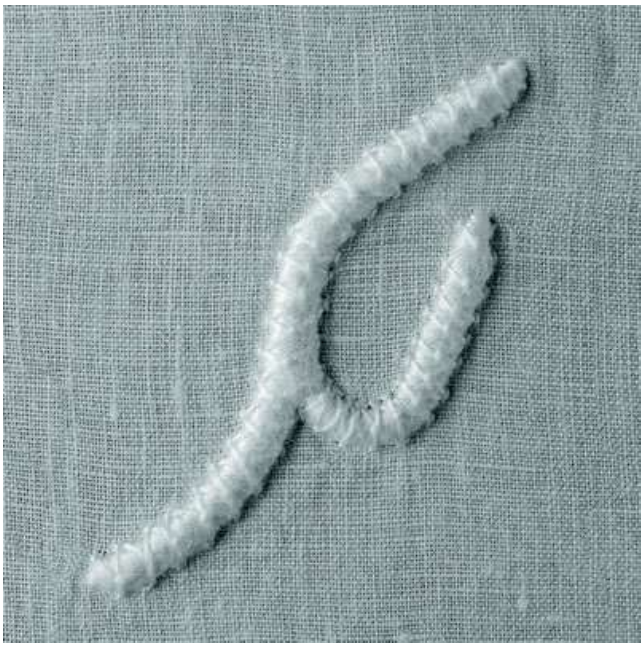
Troço com recorte a direito (caseado)



Troço com renda de veneza sombreado



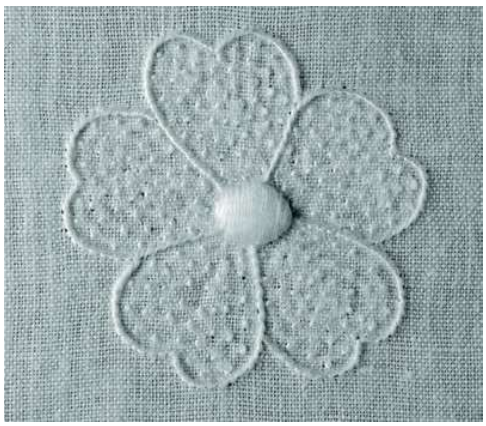
Troço com bolinhas



Troço com espinha







Fala-se de **pontos de fundo** quando se quer bordar em superfície, ou seja, quando é precisa uma certa área para que o ponto, ou conjunto de pontos, possa ter leitura e expressão. As possibilidades de encher de forma diversa um fundo são imensas e a bordadeira da Terra de Sousa aí está para o provar.

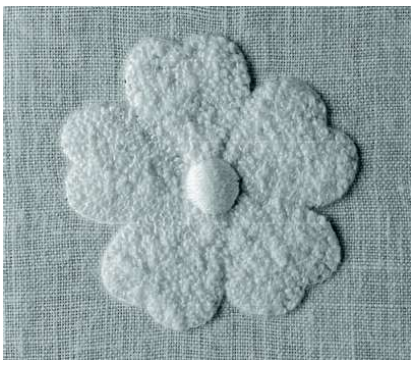
Nos bordados mais antigos, alguns dos fundos mais banais e característicos são aqueles que a bordadeira enche com **ponto de areia** e, sobretudo com **nozinho**. São pontos descontínuos, mas de grande eficácia, tratando-se de um modo muito simples de dar leitura a um motivo, sem a carregar. O ponto areia participa do mesmo movimento de quem faz um curtíssimo ponto atrás e, o nozinho, corresponde a um canutilho em que a linha enrola na agulha 3 vezes, no máximo.

Todavia, ou não fosse este bordado particularmente rico e excessivo. continuam a ser muito utilizados fundos em que os nozinhos adquirem uma tremenda expressão.

O **canutilho**, um dos pontos que aqui ganhou a preferência da bordadeira, aprece a fazer fundos muito variados, originando imagens muito diversas.



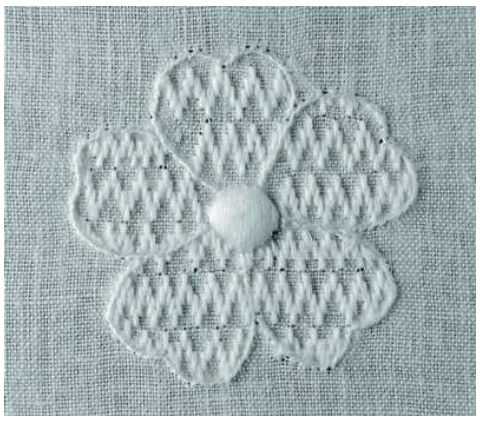













Com o simples **ponto lançado** a bordadeira da Terra de Sousa constrói uma imensa variedade de situações, desde as mais simples às mais elaboradas.

Antes de apresentar os fundos em que a sábia manipulação deste ponto origina aspetos muito diferenciados, deve sublinhar-se que, no reduzido léxico do Bordado da Terra de Sousa, existem dois termos que designam — especificamente, e no contexto dos pontos de fundo duas das imagens construídas com o ponto lançado: **pastinhas e massinhas.** Fala-se de **pastinhas**, quando se borda uma carreira, com os pontos muito juntos a apanharem o mesmo número de fios, originado como que uma risca. As **massinhas** constituem conjuntos de pontos, geralmente 3 ou 4, que apanham o mesmo número de fios. Parecendo, geralmente, quadradas, e que se dispõem segundo variados padrões, conforme o tipo de intervalos entre elas.

- Apanhar 4, passar 1, deixar 4. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Ponto adiante e ponto de cruz. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

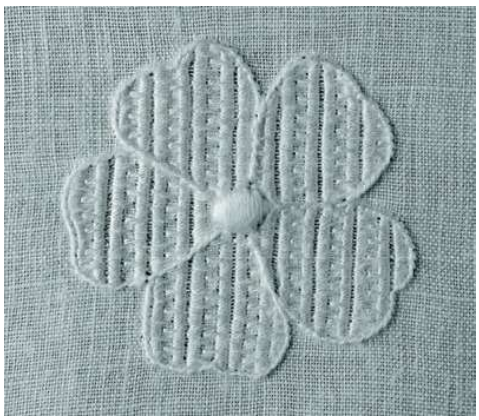
- Ponto de zig-zag, cada ponto apanha 4 fios. De ponto para ponto, sobe-se (ou desce-se} 1 fio. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Três fios apanhados. Fazem-se 3 de uma vez e a seguir muda-se a inclinação do papelão e fazem-se os outros 3. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.










FUNDOS COM PASTINHAS

- Fundo das pastinhas (5 fios). Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

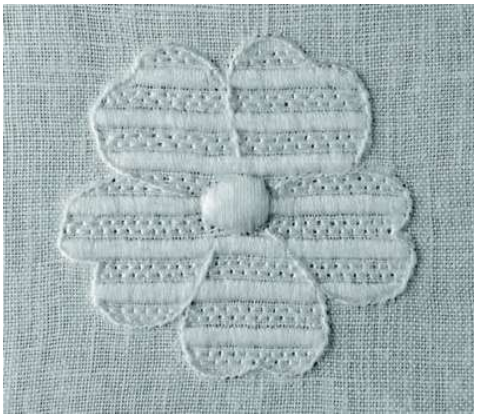
- Apanhar 6 fios, 3 vezes, apanhar 3,3 vezes e assim sucessivamente. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Oito fios do tecido, oito vezes ponto pequeno mais dois grandes. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

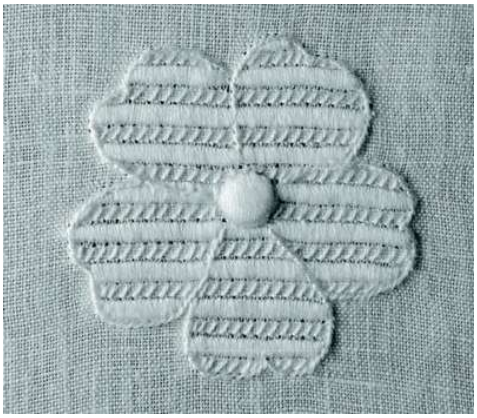
- Apanhar 3 e passados 6, apanhar 6. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

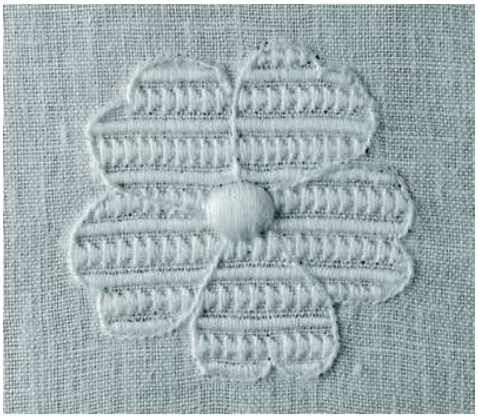
-Tomam-se 4 fios e, de 4 em 4 pontos, tomam-se 8 fios. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Pastinhas de 3 fios. Ponto atrás a apanhar as mais pequenas. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.







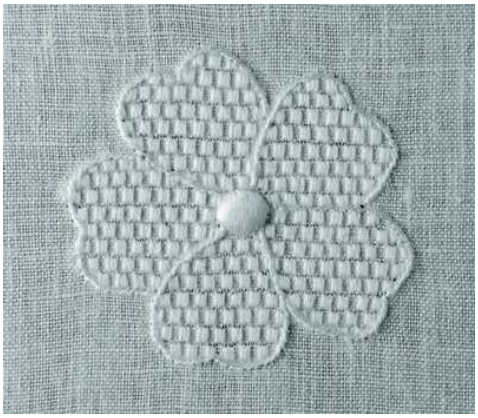


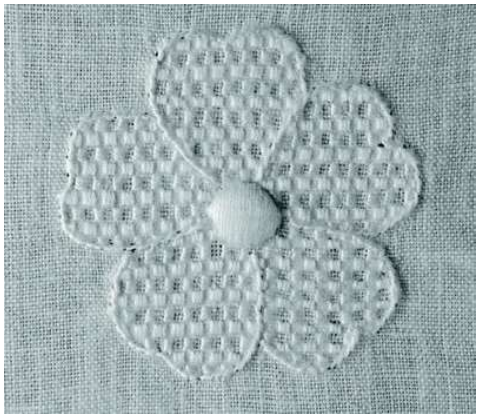
- Apanhar 6 a cheio seguido (pastinha). Deixar 2 fios, fazer carreira de ponto atrás (a apanhar 4), deixar dois fios livres, outra carreira de ponto atrás, deixar 2 fios e continuar com a carreira de pastinha. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

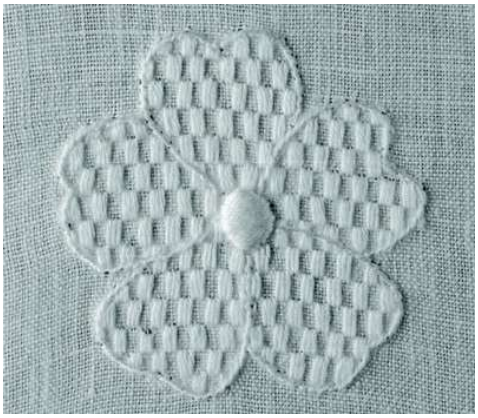
- Apanha 4 fios, carreira alterna com duas inclinadas. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de corda.

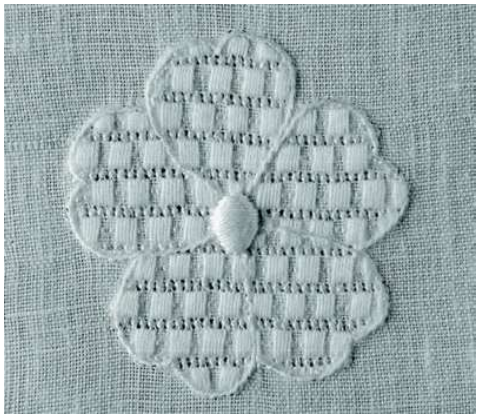
- Apanhar 5 fios e alterna com carreira com meio ponto cruz. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Carreira de pastinha de 3 fios. Deixar um fio. Quatro pontos lançados que vão diminuindo formando os bicos (apanham 8-6-4-2 fios). Deixa um fio. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.









FUNDOS COM MASSIINHAS

Os fundos com massinhas também permitem a obtenção de diversos efeitos.

- Apanham-se 5 fios, passa-se quatro vezes e deixa 4 fios de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Massinhas bordadas segundo duas direções octogonais.

- Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Apanham-se 9 fios, passa-se 6 vezes, e deixam-se 4 fio de intervalo (apanhados ao meio com 2 pontos atrás). Esta carreira intercala com outra onde se tiram 2 fios da trama e os fios da teia são apanhados 3 a 3 com ponto atrás Centro a ponto cheio e contorno à ponto de cordão.







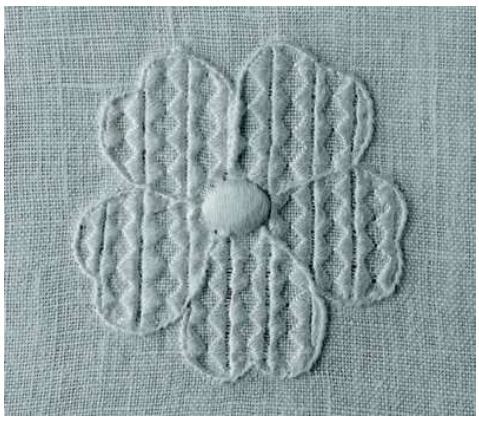


- Massinhas de 3 fios a apanhar 5. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

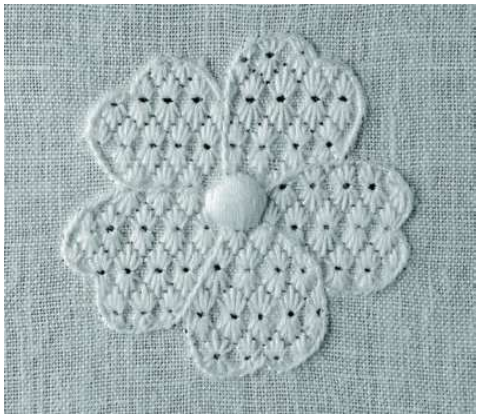
- Massinhas de 3 fios a apanhar 4. Passar a linha no fim. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Apanha 3, por 3 vezes, e deixa seis. Na carreira seguinte borda desencontrado. No fim passa uma linha a ligar. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Passar 3 pontos a apanhar 6 fios, deixar 3 de intervalo. Deixar carreira vazia de 6 fios. No fim entrelaçar as carreiras bordadas. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.







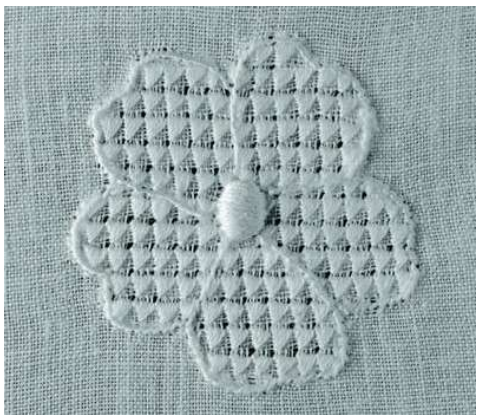
Exemplos de como o ponto lançado, ao apanhar um número varável de fios, ao contrário das pastinhas e massinhas, pode dar aos fundos efeitos muito variados.

- Fazer aos murinhos. Seis pontos até aos 6 fios e diminui. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

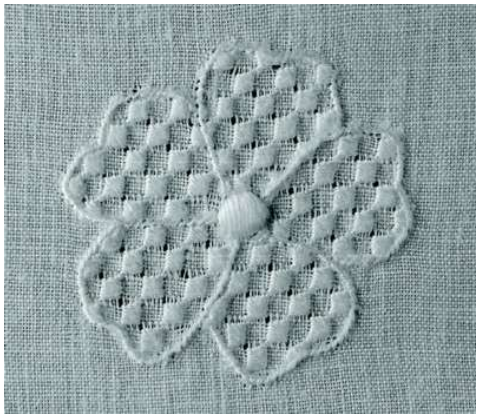
- Apanha até 6 fios. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

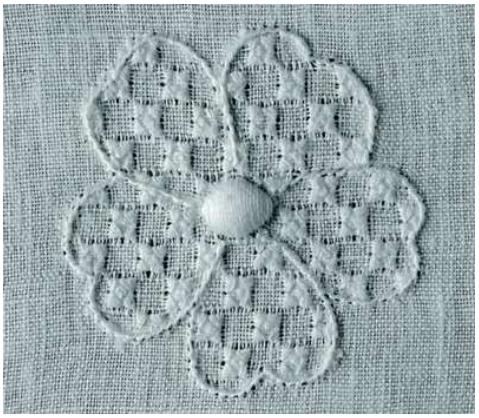
- São 5 pontos em que o primeiro apanha 4 fios, o segundo, 6, o terceiro, 8, o quarto 6 e o quinto 4. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.











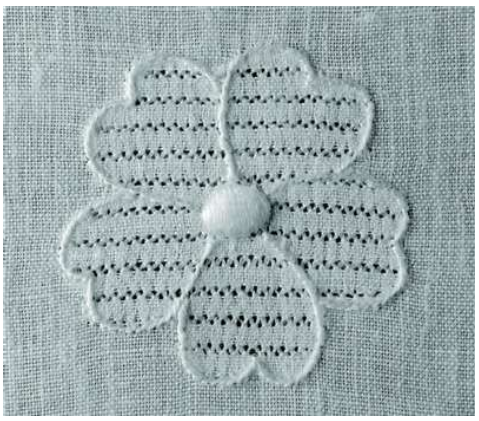
FUNDOS FEITOS NA DIAGONAL

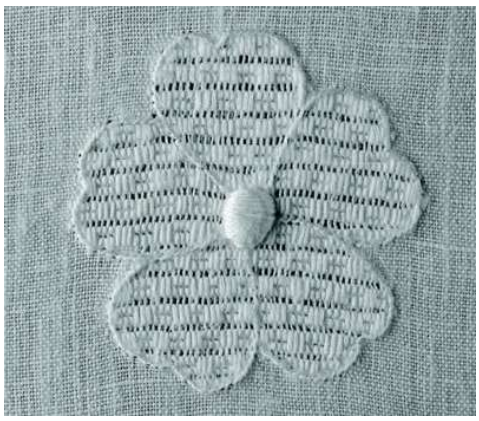
- Na base estão quadrados de 6 por 6 fios, bordados na diagonal. A tensão dos pontos é que dá o efeito arrendado. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Definem-se quadrados de 6 por 6 fios, borda-se na diagonal, deixa 6 de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Na base estão quadrados de 10 fios. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Um quadrado de 6 fios, lançar quatro pontos em cada canto, na diagonal. Nozinho no meio. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.





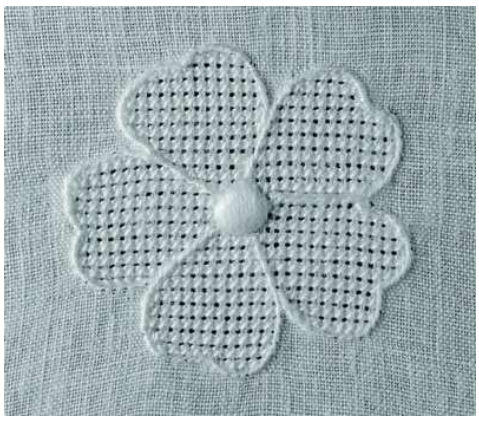


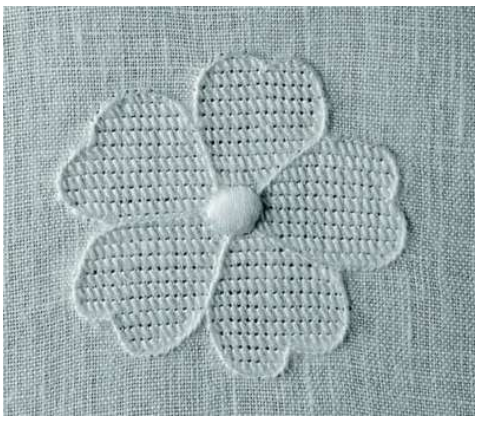
Por vezes, para dar mais realce ao padrão, a bordadeira tira um ou dois fios ao fundo. Ao contrário dos crivos, propriamente ditos, onde domina a transparência e o efeito de renda, nestes casos prevalece, claramente, a opacidade do tecido bordado.

- Tiram-se dois fios que alternam com seis. Faz-se ajour em zig-zag a apanhar dois fios. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

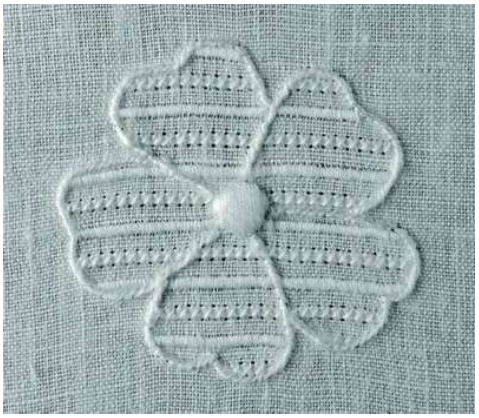
- Apanhar 6 fios e seguir 6-3-6-3. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Carreira a cheio, com ponto atrás apanham-se três fios de cada vez. Tira--se um fio e faz-se uma carreira de ponto de galo com 4 fios de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.









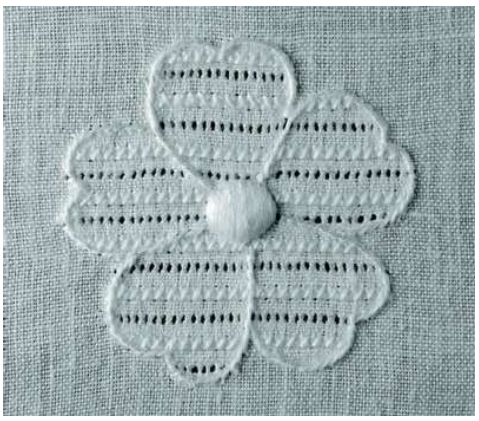
FUNDOS COM PONTO CRUZ

O vulgaríssimo ponto de cruz também é utilizado na definição de vários padrões de fundos verificando-se que, mesmo incompleto, oferece insuspeitadas possibilidades.

- Apanha 4 fios da trama e deixa 3 fios da teia de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

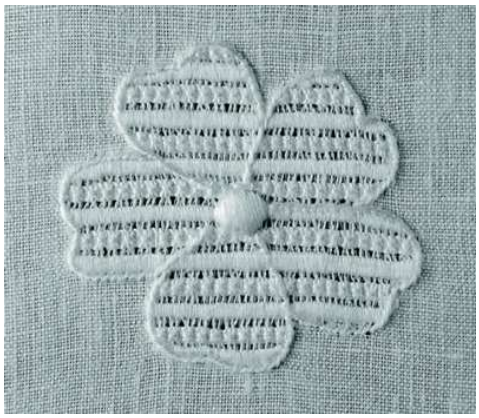
- Ponto de cruz, 3 por 3, alterna de carreira em carreira. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Ponto de cruz a alternar com ponto lançado (4 fios cada) e 4 fios de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.









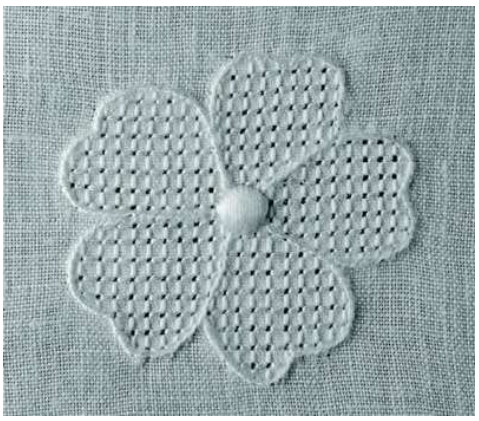
- Carreira de ponto cruz (4 fios, no meio de 12) alterna com ajour simples, de 2 fios. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Carreiras de ponto cruz alternam com carreiras de nozinhos. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Apanha 4 fios, passa 4 vezes, deixa 4 de intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Carreiras alternadas e lançado com molhinhos. Tira dois fios no intervalo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.









A utilização excessiva de um mesmo ponto pode oferecer perspetivas que a bordadeira aproveita criteriosamente. Tais são os casos do ponto de grilhão, do ponto atrás desencontrado, ou do ponto de recorte.

- Fundo a ponto de grilhão.

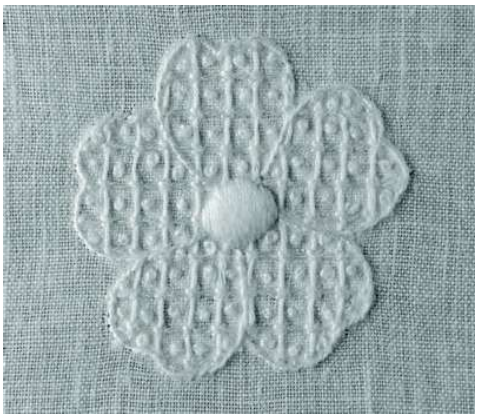
- Ponto quadrado. Apanham-se 4 fios. Faz-se na diagonal, como no crivo antigo. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Ponto atrás desencontrado.

- Fundo "renda de Veneza". Feito a caseado, tal como a renda de agulha, fica solto sobre o tecido, só prendendo no limite do desenho. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.









FUNDOS A PONTO DE BROCADO:

Muitos dos fundos que a bordadeira utiliza. significam pequenas variações da utilização do mesmo ponto. A este respeito torna-se muito esclarecedor o que é possível fazer com o ponto de brocado.

Trata-se de um ponto que, por todo o mundo apresenta uma enorme variedade de denominações, sendo ponto oriental uma das mais divulgadas. Em Portugal, uma das suas variantes é mesmo o conhecido ponto de Castelo Branco. Trata-se de um ponto em que, para se economizar linha é quase todo feito pelo direito. A linha só prende no contorno do desenho por pequeníssimos pontos. Contudo, para não ficar todo solto, tornando-se mais facilmente degradável, cada ponto é preso, transversalmente, por pontos, também muito pequenos. É na organização destas prisões que reside muita da sua capacidade de originar aspetos muito diversos.

- Fundo a ponto de brocado simples.

- Variante do ponto de brocado. Aqui os fios estão separados. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Variante do ponto de brocado, com os fios muito espaçados com sozinho no meio.

- Ponto "quadrado", a fios lançados, presos com cruzinhas, com nozinhos no meio. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.











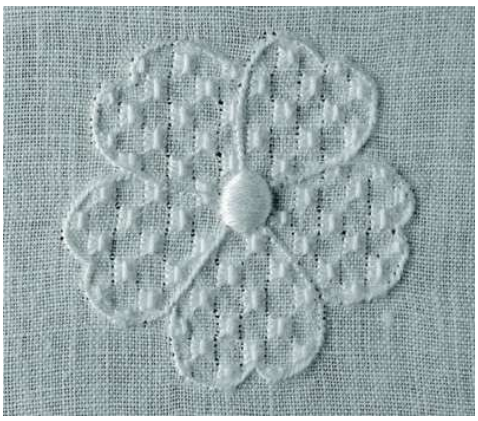
Por vezes há quem confunda o ponto de brocado, com o ponto de matiz ou o ponto de alinhavo. No caso do ponto de brocado o avesso mostra só o contorno a marcas das prisões, geralmente segundo linhas paralelas. No caso do **ponto de matiz**, trata-se, no fundo de ponto laçado feito com pontos de diversos comprimentos, embutidos uns nos outros. Já o **ponto de alinhavo** tem um nome que não reflete o ponto que de facto é executado na sua concretização. Efetivamente, o ponto de alinhavo corresponde ao ponto pé de flor, feito com os pontos muito grandes e muito juntos uns aos outros. Como se torna evidente, quase todos estes fundos admitem variações e conjugações de uns padrões com outros, daí ter tido algum sentido parar as bordadeiras, que, por elas, estão sempre dispostas a experimentar as múltiplas variações que este vocabulário lhes permite.

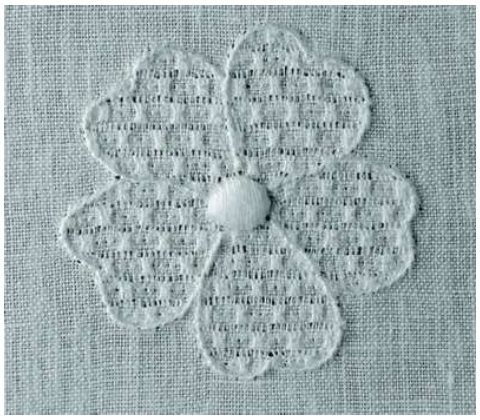
- Fundo das folhinhas.

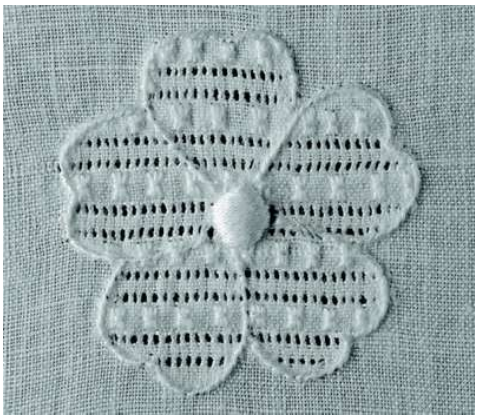
- Alterna-se a direção de cada grupo de 3 pontos, que apanham 5 fios. Nos quadrados vazios borda-se um nozinho em cada. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Quatro pontos lançados a apanharem 5 fios para um lado e 5 fios para o outro. Na carreira seguinte inverte-se a direção para se obter o losango, onde se borda, ao centro, um nozinho. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.











FUNDOS COM MOLHINHOS:

Outro termo próprio destes pontos de fundos diz respeito aos olhinhos. Trata-se do que, noutros locais, é conhecido por ponto de laço ou ponto de borboleta. São muitas as situações em que a bordadeira coloca estes molhinhos e, mais uma vez, verifica-se que dá a pontos diferentes o mesmo nome:

- Molhinhos feitos de uma vez. Faz-se uma cruz que depois cruza com outra. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

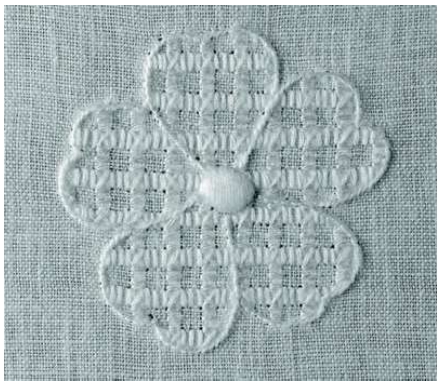
- Apanham-se 8 fios, passa-se quatro vezes e, com ponto atrás, fazem-se os molhinhos. Centro o ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Tira-se um fio a cada 6. Molhinhos de 3 pontos a apanharam 6 fios, 8 fios de intervalo, 2 pontos atrás, com intervalo de 2. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Tirar 2 fios, deixar 4, tirar 2, deixar 10 e segue 2-4-2-10. Fazer os molhinhos a apanhar 8. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.

- Carreira de oito fios para fazer o molhinho. Pastas de 3 fios. 3 fios enrolados na vertical. Centro a ponto cheio e contorno a ponto de cordão.







- Ponto de espiga e zig-zag. Centro a ponto cheio e contorno de cordão.

- Passa-se 1 ponto a apanhar 6 fios da trama, deixa 3 da teia, outro ponto, outros 3, outro ponto, e apanha 6, na diagonal, para noutra volta fazer uma cruz de 6 por. Centro a ponto cheio e contorno de cordão.

Finalmente, a acabar a apresentação de tantos e tão variados pontos, aquele que consome mais linha, tempo e paciência à bordadeira, é aquele que, por todas as razões, é considerado o mais importante de todos, o que faz a diferença: o ponto de veludo! Repare-se: com a linha mouliné, de seis fios, fazem-se pontos atrás muito lassos, em que do lado direito do bordado ficam umas argolas. Fazem-se muitos, muitíssimos mesmo, e muito juntos. Depois, do lado do avesso, prendem-se todos estes pontos. No fim cortam-se as argolas, para soltar os fios.











Crivos

Um bordado corresponde a uma técnica decorativa em que um suporte, geralmente de natureza têxtil. serve de base à aposição de fios, os quais são trabalhados e aí introduzidos mediante o auxílio de uma agulha. Ao contrário das rendas, que correspondem à realização de um novo tecido, o bordado exige a preexistência dessa base que se pretende enfeitar e valorizar.

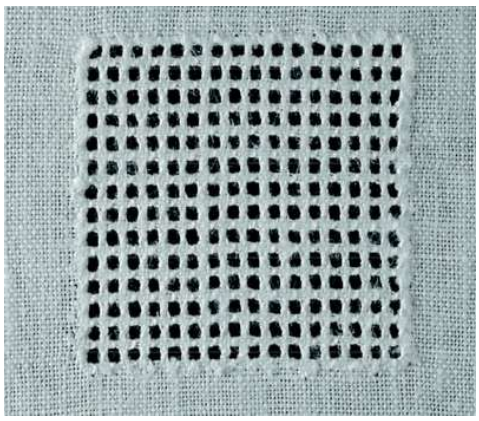
Até ao século XVI, as oficinas de bordado eram, por toda a Europa, quase exclusivamente constituídas por homens, pois que se tratava de bordar — com materiais muito ricos, como ouro, seda ou a prata, sobre tecidos raros e dispendiosos — as vestes sumptuárias da mais alta hierarquia da nobreza e do clero, o que exigia crédito e capitais. A situação começou a mudar, talvez ainda pelo final do século XV e as técnicas utilizadas pelos brosladores começaram a difundir-se pelos interiores domésticos, transpondo para o trabalho com fio de linho, e para as mulheres, as técnicas que até então só se encontravam naquelas oficinas.

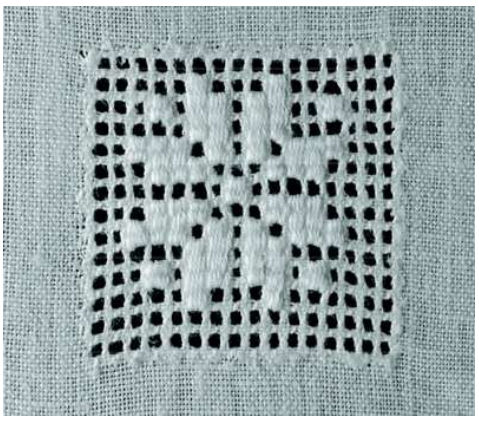
No entanto, até àquela época, a única técnica que hoje também se integra no vasto domínio do chamado bordado a branco é um trabalho que aparece em várias toalhas de altar, decoradas com base em desfiados e crivos passajados, encontradas na Suíça e Alemanha do Sul, alguns exemplares datando ainda do século XIII, o chamado Opus Teutonicum[15].

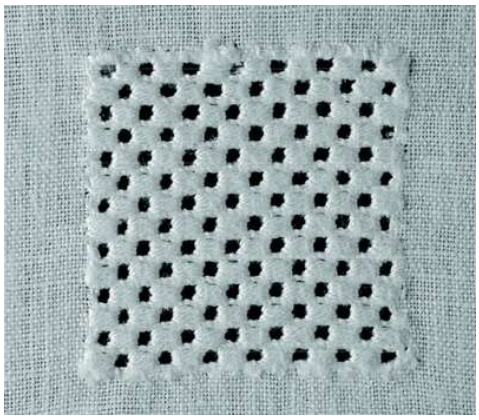
É que, por vezes. num bordado é tão ou mais importante o que se lhe junta, como aquilo que se lhe retira, e é neste princípio que se fundamenta o esforço da produção de crivos. As bordadeiras de Terra de Sousa, mais uma vez fazem jus à sua diligente habilidade e os crivos constituem mais um conjunto de técnicas que dominam na perfeição.

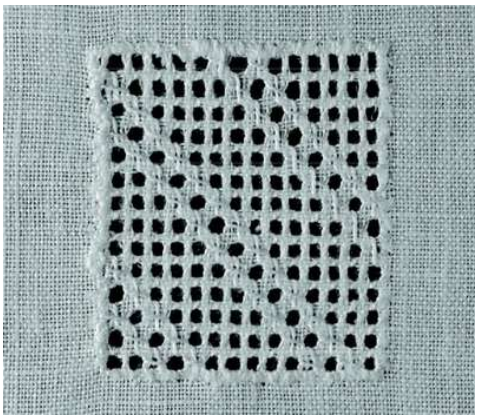
Tal como aconteceu na apresentação dos pontos de fundo, haverá lugar para se fornecerem, para cada crivo, as indicações técnicas mais básicas. Trata-se, como não podia deixar de ser, de notações abreviadas, conducentes à compreensão do esquema de trabalho fundamental, pois não se trata aqui de ensinar a fazer crivos, mas de traduzir a estrutura de cada um.

[15] Schuette, Marie e Muller-Christiensen, Sigrid La Broderie, pág. 18 e 19, 34 e 35, Ed. Albert Morancé, Paris 196?









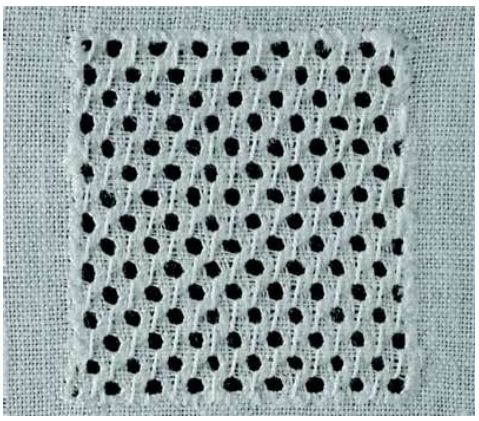
Os crivos mais simples são aqueles em que retirados os fios da trama e os fios da teia, os fios restantes, são apanhados com um pontinho que corre na diagonal e pelo avesso. O esquema deste crivo é tira 2 (T2), deixa 3 (D3). Na Terra de Sousa as bordadeiras dão-lhe o nome que traduz toda a sua banal facilidade: crivo de todo o ano.

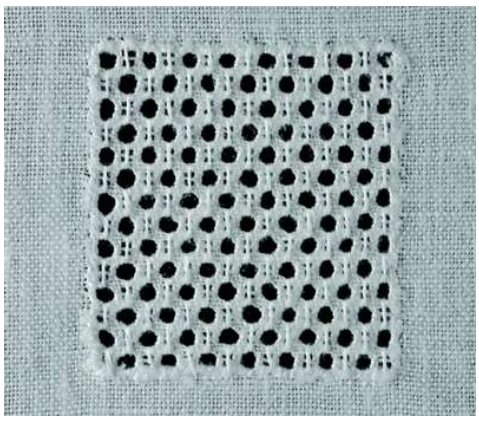
- T2/D3 - Crivo de todo o ano, só um pontinho a enrolar. Este crivo foi muito utilizado e constitui a base para um outro também de uso generalizado, o apropriadamente chamado crivo antigo.

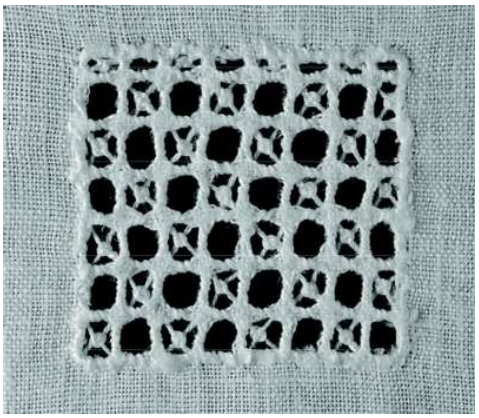
- T2/D3 - A execução deste crivo pressupõe duas fases bem definidas. Na primeira executa-se a rede que depois, num segundo momento, vai servir para, passando a linha, encher alguns buracos, e assim se tecer um desenho.

- T3/D4 - Crivo de todo o ano que depois é todo tecido.

- T2/D3 — Crivo repartido. Carreiras a ponto de cruz e 5 a crivo simples.



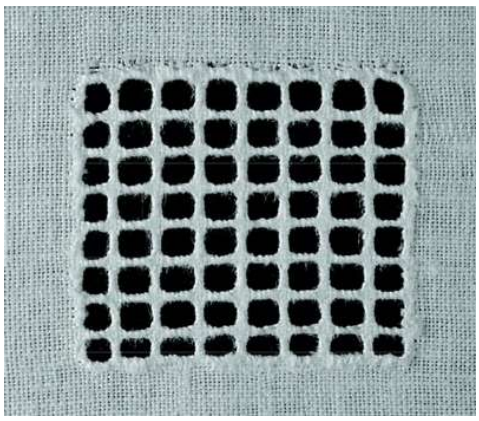


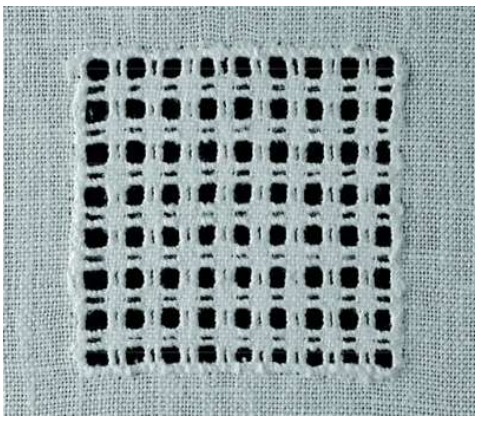


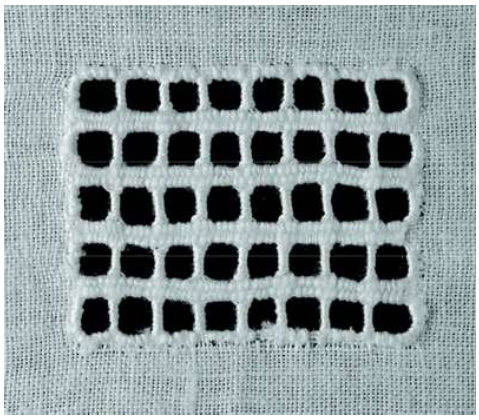
- T2/D3 - Uma variante do crivo anterior.

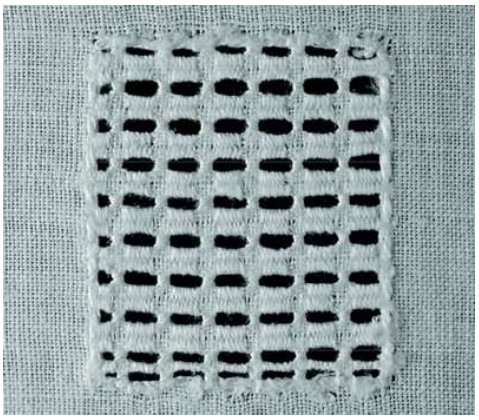
- Ainda outra variante, em que o ponto de cruz toma outra direção.

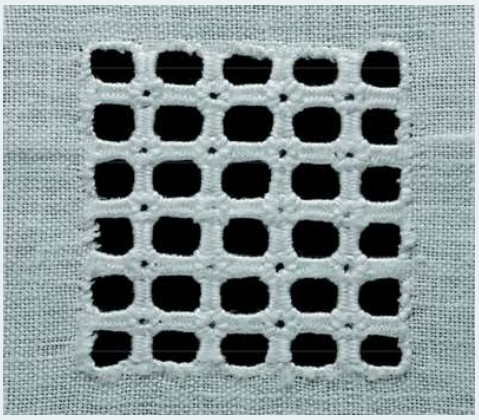
- T6/D5 - Crivo simples, mas enrolado com 2 voltas mais aranha.











Crivos ainda muito simples.

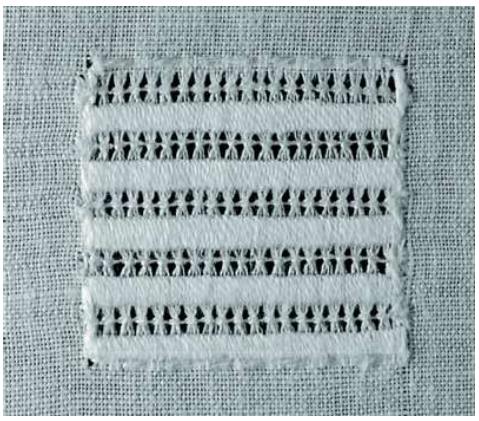
- T6/D3 - 4 pontos a enrolar.

- T3/D6 - Crivo enrolado, repartido.

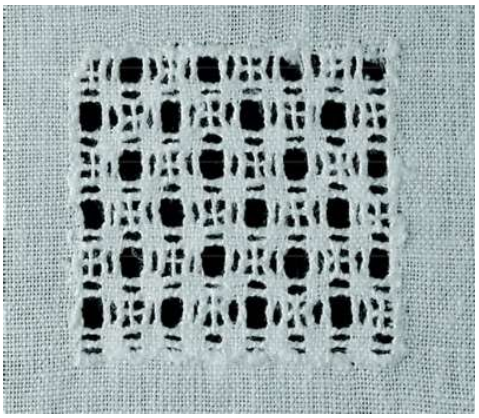
-T6/D6 - Crivo misto, tecido e enrolado.

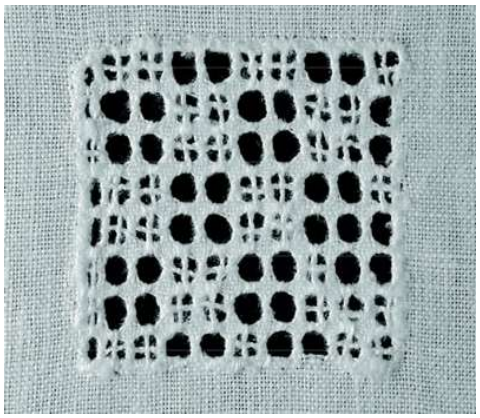
- T6/D4 - Crivo misto, tecido e enrolado.

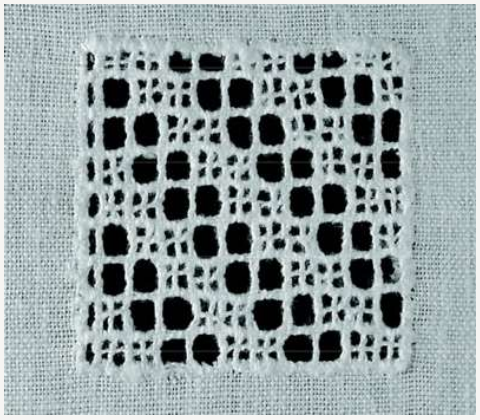
- T6/D4/T1/D4/T6/. Crivo tecido, com pontinhos a formar a flor.











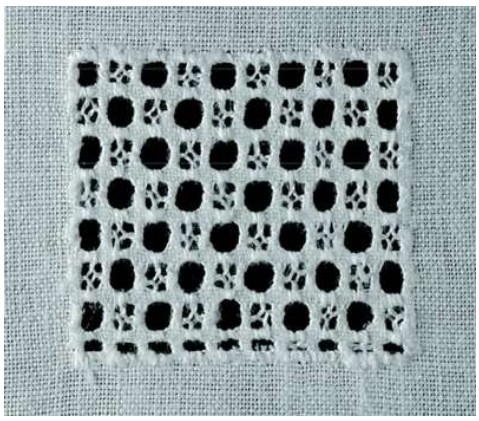
- T6/D6 - Até aqui tem-se referido unicamente a remoção dos fios na vertical do trabalho, que são os fios da teia, mas neste caso e no seguinte as indicações referem, evidentemente os fios da trama, pois que os da teia permanecem.

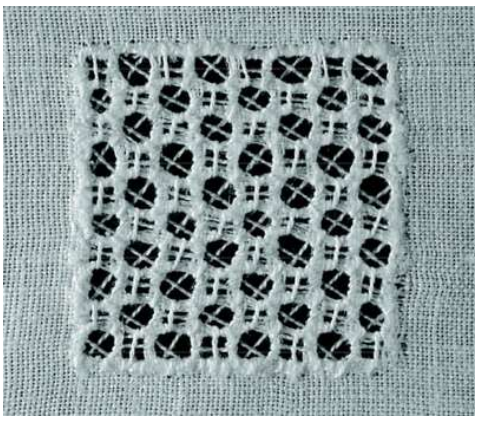
- T6/D7

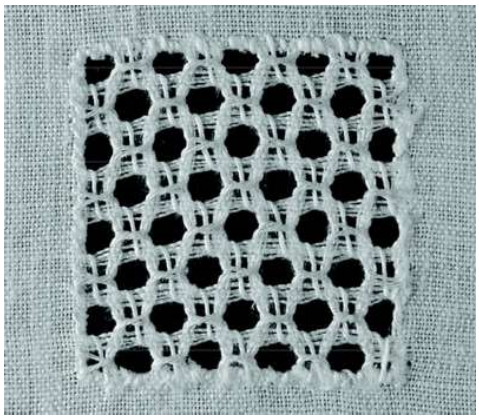
- TS/D6

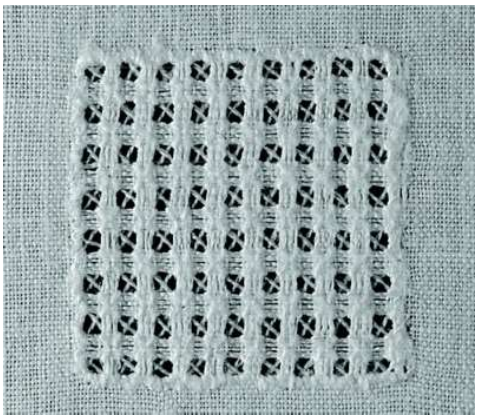
- T4/D5

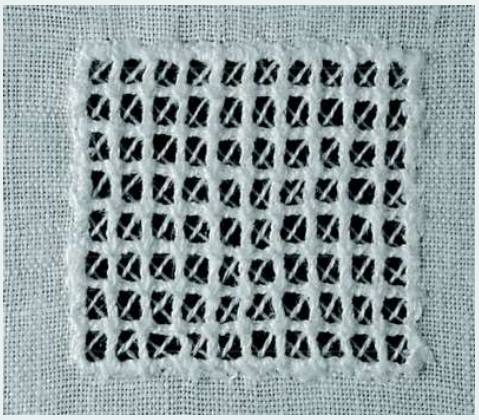
- T5/D3











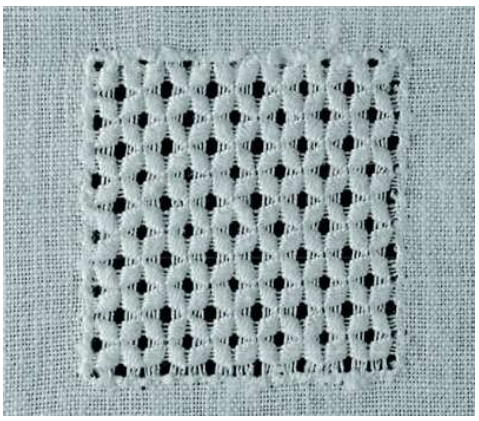
- T4/D5

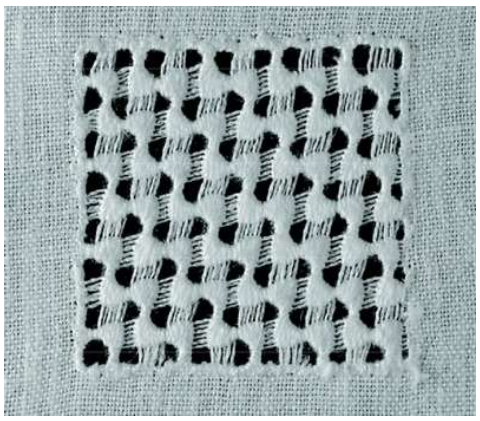
- T4/D4

- T5/D4 - Crivo olho de rola, talvez um dos crivos mais difundidos em todo o país.

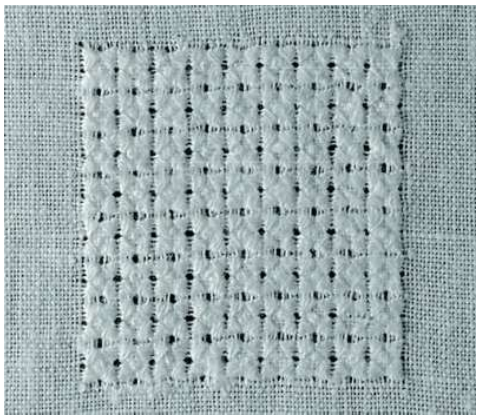
- T3/D6

- T4D4





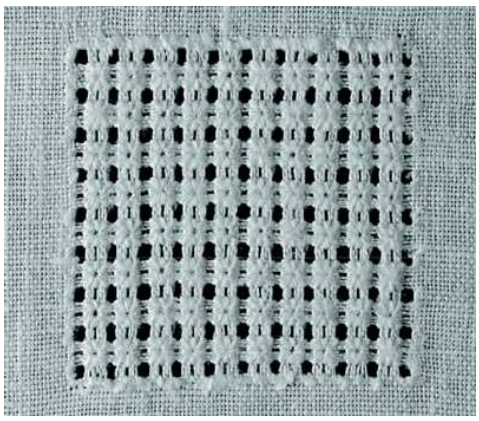
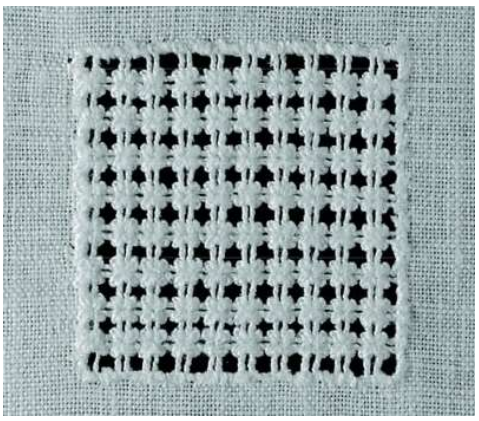
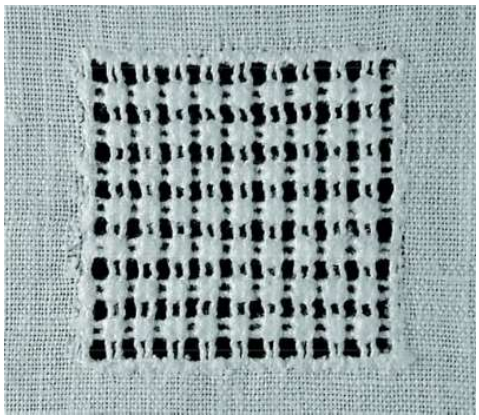
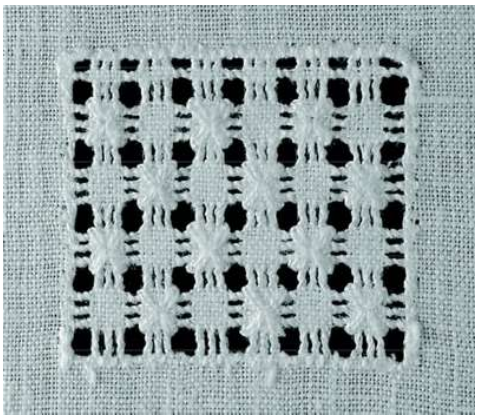
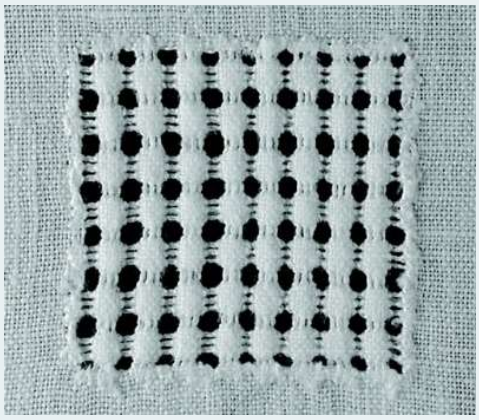




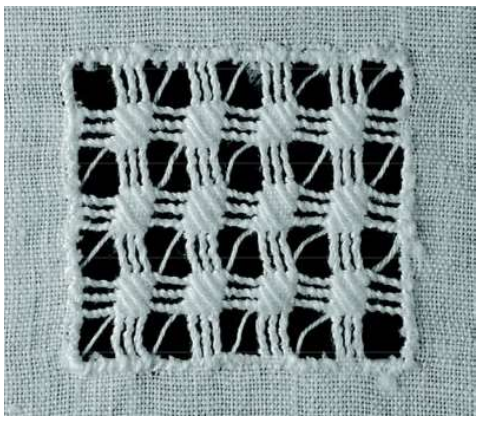
- T2/D4

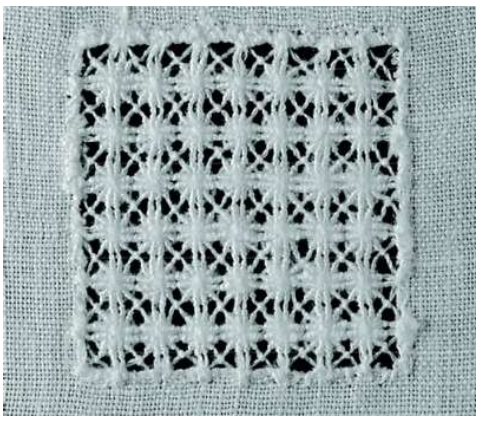
- T3/D6

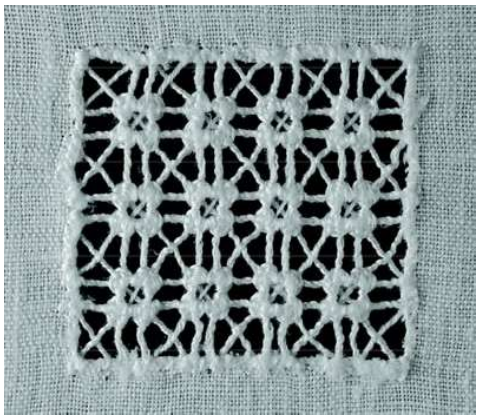
- T2/D9/T2/D3/T2/D9

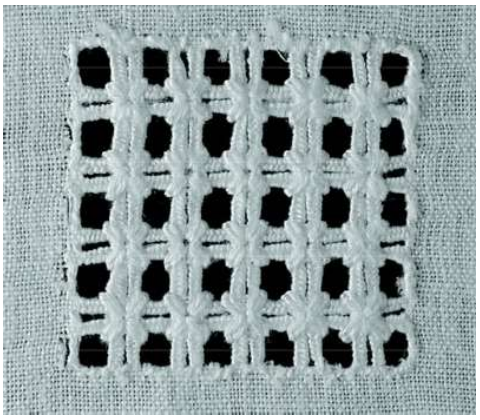






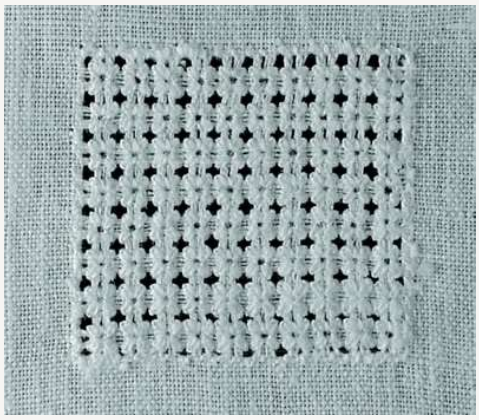

- T7/D8
- T4/D8
- T4/D4
- T4/D9
- T4/D6
- T4/D6

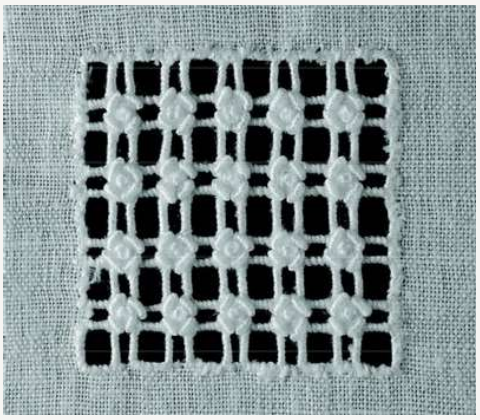












- T9/D9

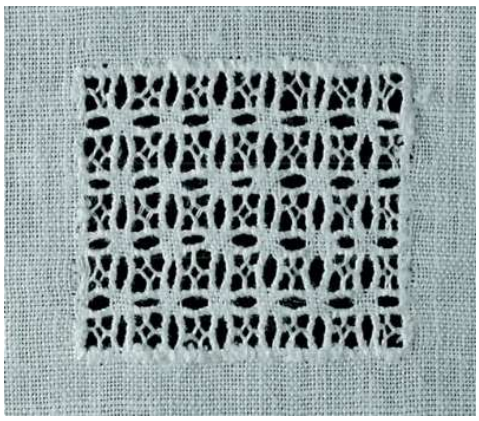
- T4/D4

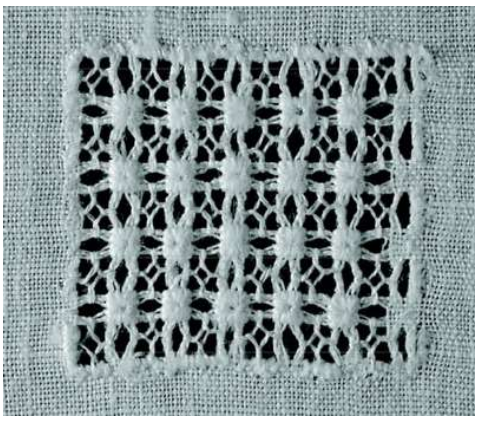
- T10/D2/T2/D2/T10

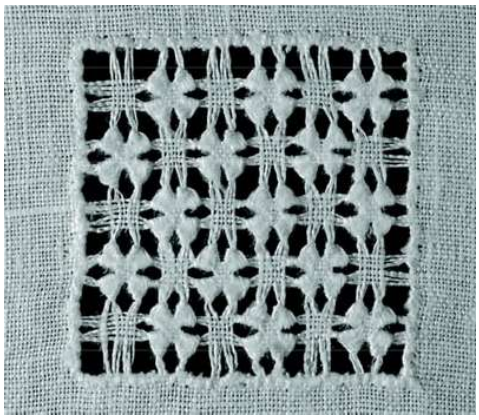
- T6/D4/T1/D4/T6

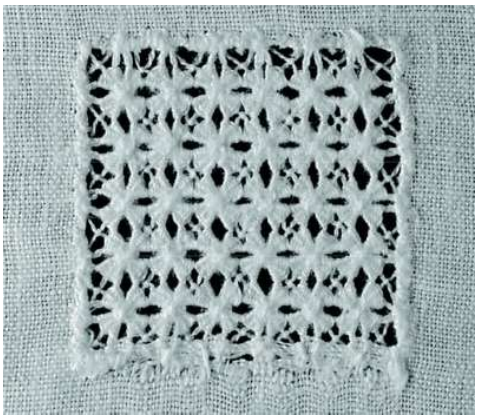
- T2/D6

- T6/D4/T1/D4/T6







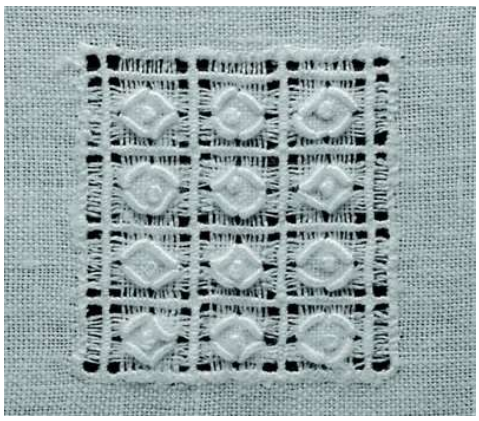


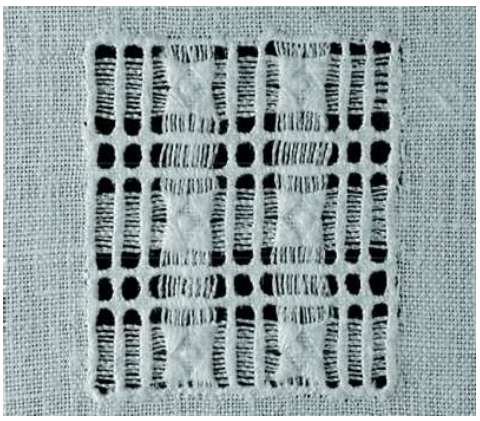
- T8/D6 - Este crivo, vá-se lá saber porquê, é conhecido como o crivo maravilha. Um tal nome garante-lhe funcionar como elemento de transição para algumas das extraordinárias maravilhas que continuam a ser cultivadas na Terra de Sousa.

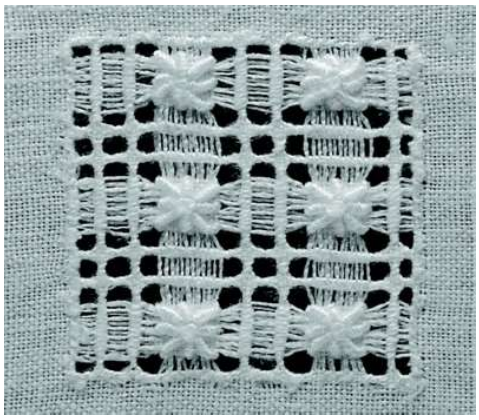
- T6/D6

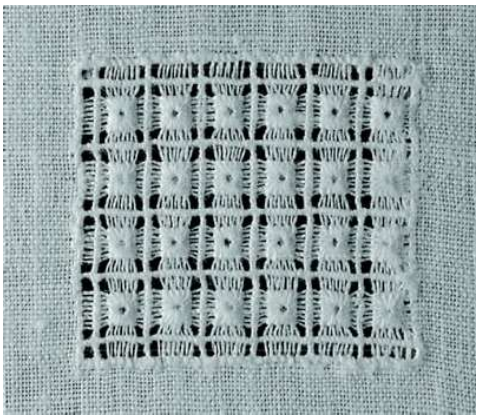
- T6/D6

- T10/D6









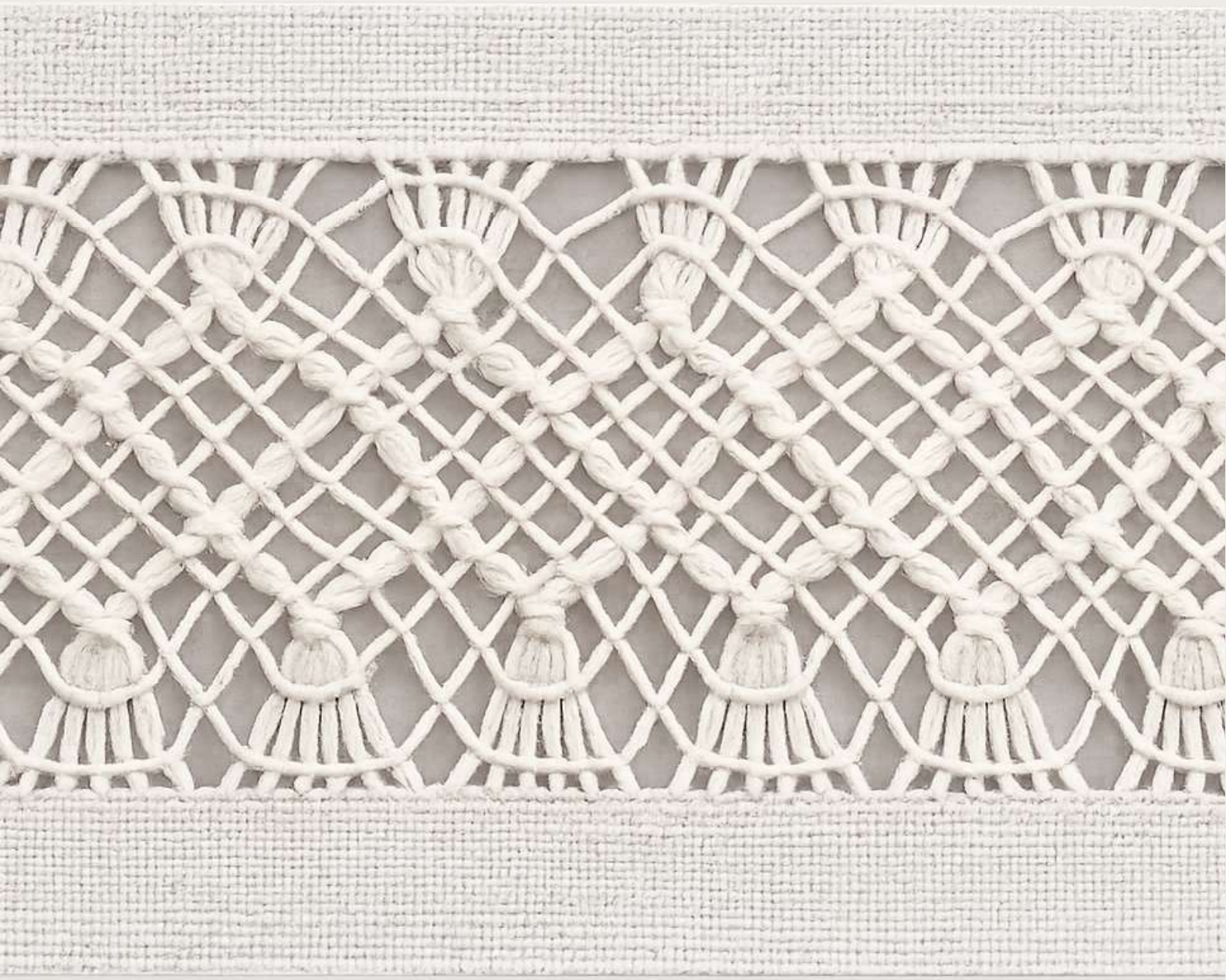
- T3/D4/T3/D12

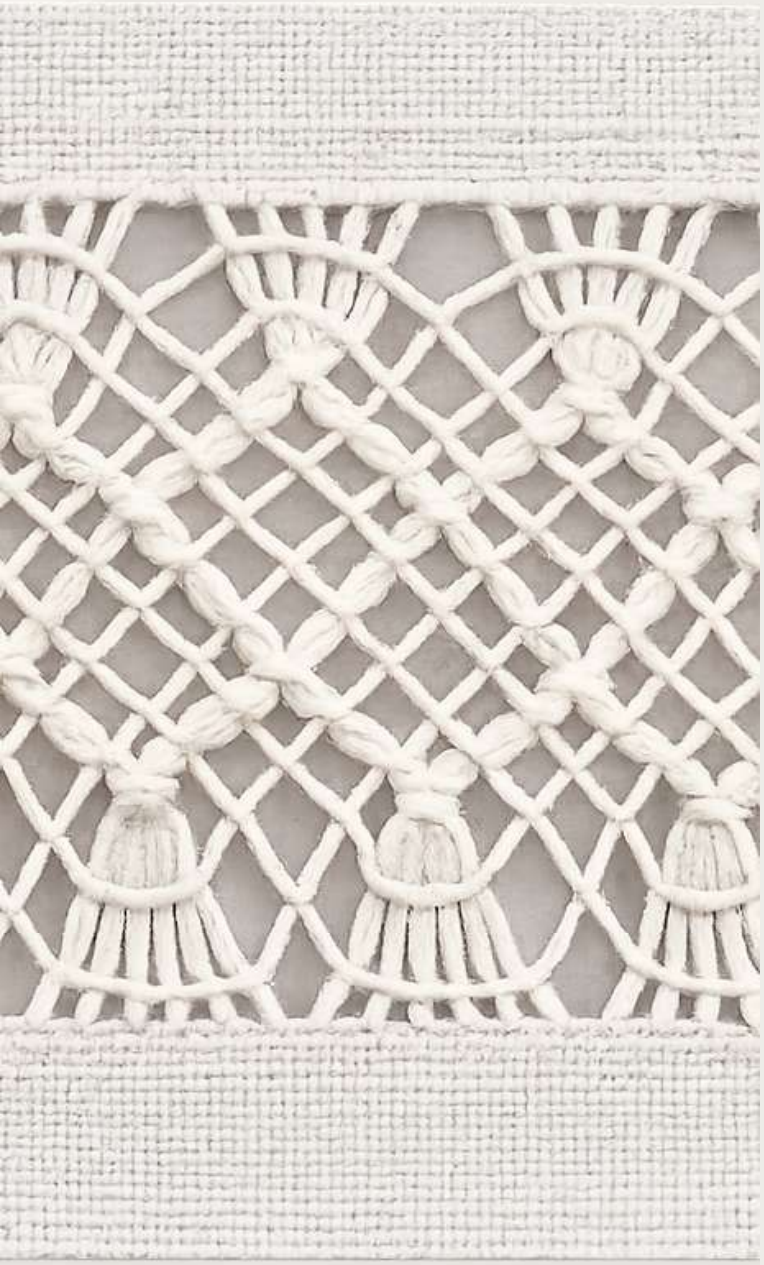
- T3/D12/T3/D4/T3/D4/T3/D12

- T3/D12/T3/D4/T3/D12

- T2/D2/T2/D8/T2/D2/D8







Bainhas abertas

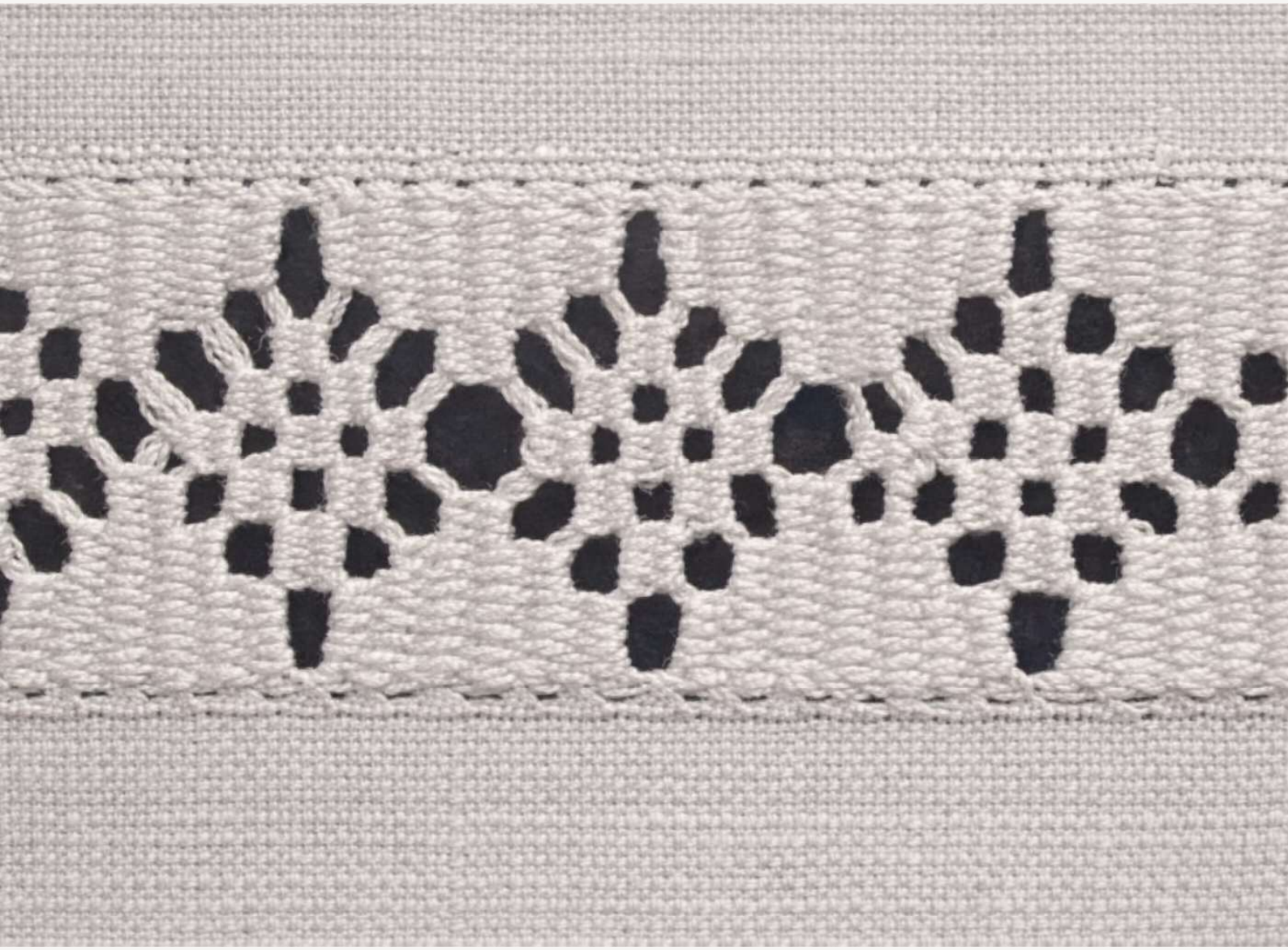
As bainhas abertas constituem, como os crivos, um trabalho em que, previamente, se retiram os fios ao tecido. Mas enquanto que nos crivos, quase sempre, se retiram fios da trama e da teia, e predomina o trabalho em superfícies em que nenhuma direção prevalece sobre a outra, nas bainhas só se retiram os fios numa dada direção, paralela ao correr do trabalho e do modo como este se desenvolve.

Na nomenclatura local, sempre difícil de definir ou estabilizar, pois entre quatro bordadeiras da mesma terra é banal ouvirem-se quatro versões... existem basicamente dois "pontos": o ponto a direito e o ponto cruzado. Com estas designações pretende-se colocar em evidência o facto de, no ponto a direito se manipularem conjuntos de fios que são os mesmos que correm de cima a baixo do trabalho. No ponto cruzado, tal não acontece e o trabalho parece feito em viés ou na diagonal em pata de galinha, no dizer das bordadeiras.

Quem faz bainhas abertas geralmente especializa-se neste tipo de trabalhos. Embora muitas bordadeiras tenham aprendido a bordar outros pontos, quando se dedicam às bainhas abertas, dificilmente deixam de o fazer. Vê-se que têm uma particular estima por este trabalho que não lhes exige o papelão, e o coser e descoser o tecido que o seu uso acarreta e que, depois dos fios tirados, se faz bastante depressa, quando comparado com outros tipos de bordado.

Como o nome indica, durante muito tempo, as bainhas constituíam uma técnica que, sobretudo, valorizavam os acabamentos de toalhas e lençóis, embora desde sempre, tenham sido usadas num contexto decorativo mais amplo, como por exemplo a definir centros de mesa. De há uns quinze anos a esta parte têm, contudo, ganho grande ascendente e, nos nossos dias, fazem-se bainhas abertas em quantidades e expressão verdadeiramente extraordinárias.

A esta moda não será indiferente o seu carácter mais abstrato, menos figurativo, eventualmente, mais adequado a uma sensibilidade e gosto contemporâneos. Como já se referiu, a produção de Bordado da Terra de Sousa, se tem problemas técnicos, com alguma importância, na transposição dos riscos para o tecido, ainda os tem mais agudo no que diz respeito à renovação dos desenhos. Nota-se aqui, salvo honrosas exceções, um gosto pouco informado e exigente o qual, traduzido em bordado, afugenta uma clientela mais sofisticada ou que não aprecia desenhos nostálgicos ou revivalistas. Esta mesma clientela, quando sensível ao conforto de uma fibra natural como o linho e ao discreto luxo de uma toalha bordada compra, mais facilmente, peças decoradas com bainhas abertas, que outras cujos bordados com motivos que nada lhe dizem. Por outro lado, as bainhas abertas tornam-se especialmente apropriadas em peças como cortinas u cortinados, pois jogam numa transparência que, no entanto, é mais aparente que real.



As mais antigas bainhas terão sido aquelas que hoje se denominam de pasta.

- Pasta dupla em zig-zag, porventura um dos mais antigos motivos.

- Bainha de pasta, podendo ver-se, na parte superior e inferior do trabalho, o ponto direito apresentando-se na sua expressão mais singela, constituindo aquilo a que, de um modo menos local e mais difundido se chama ajour simples.

- Pasta e amor aberto. Ao motivo do amor há quem chame flor.

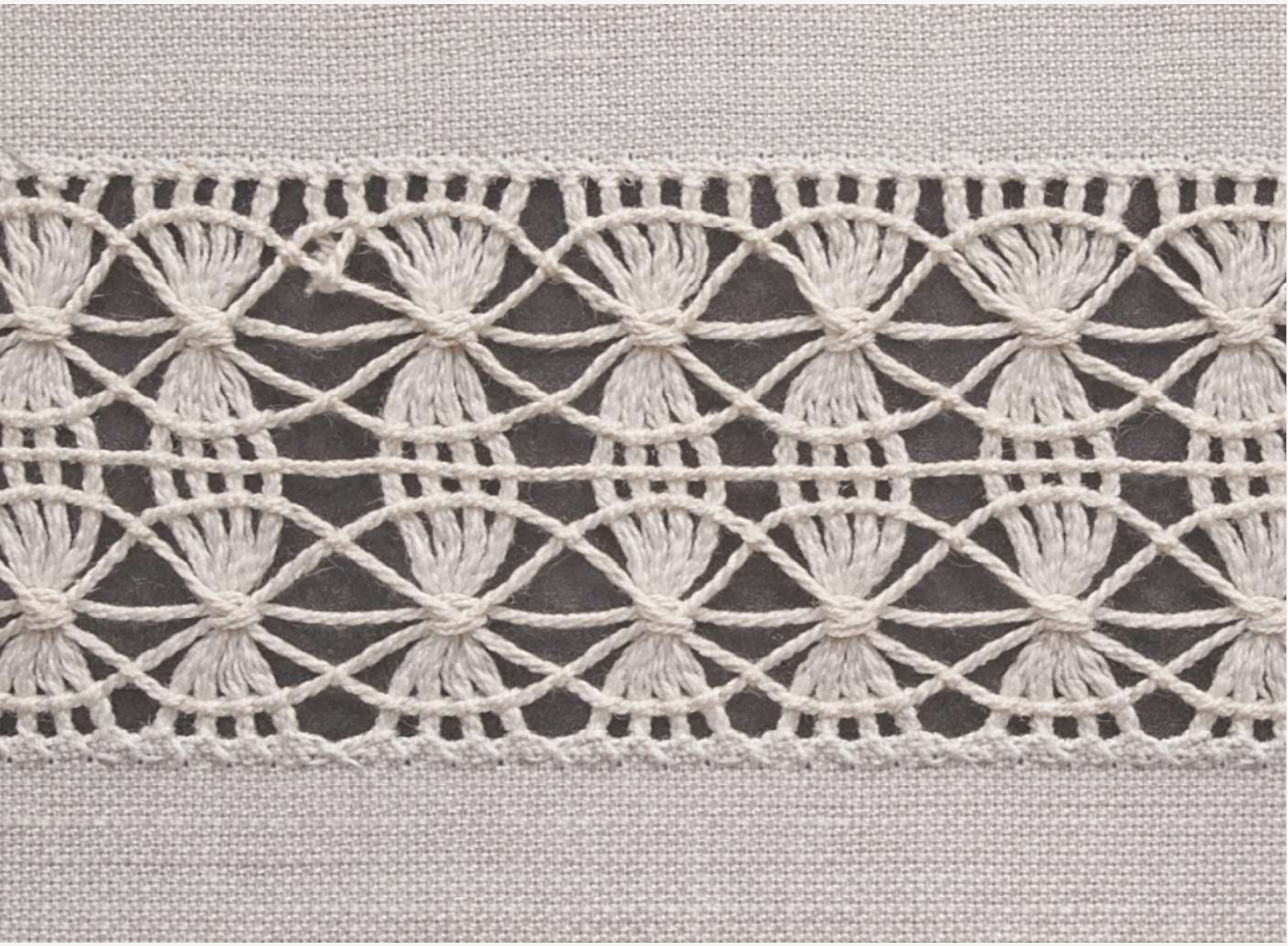
- Amor aberto ou flor.









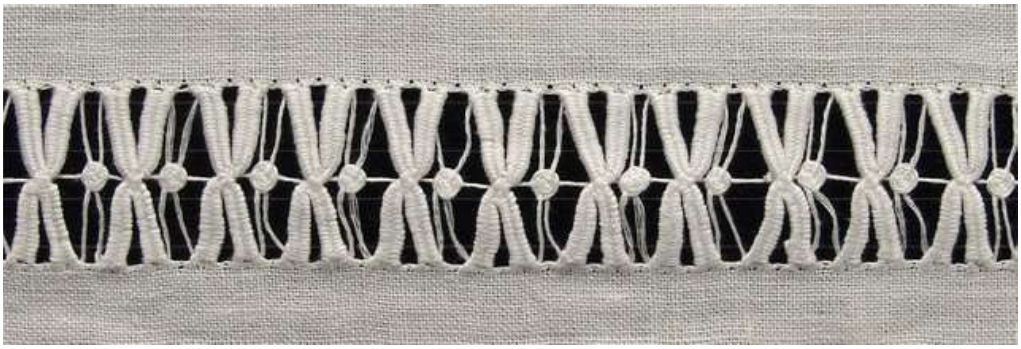


Algumas bainhas mostram uma estrutura em diagonal, derivada do ponto cruzado a que as bordadeiras chamam pata de galinha.

- Bainha relativamente rara.

- Bainha de uma linha, também conhecida por gracinha.

- Gracinha dupla.







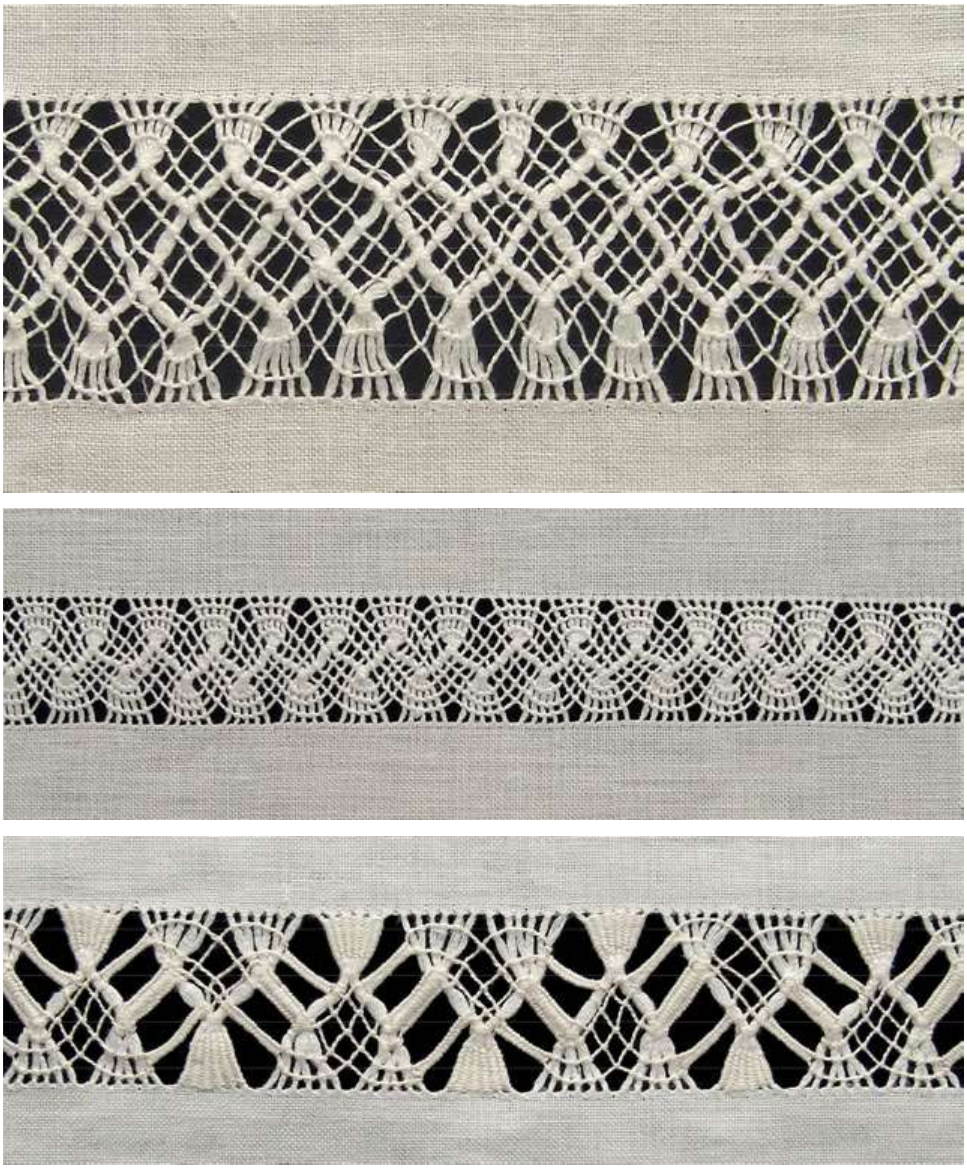


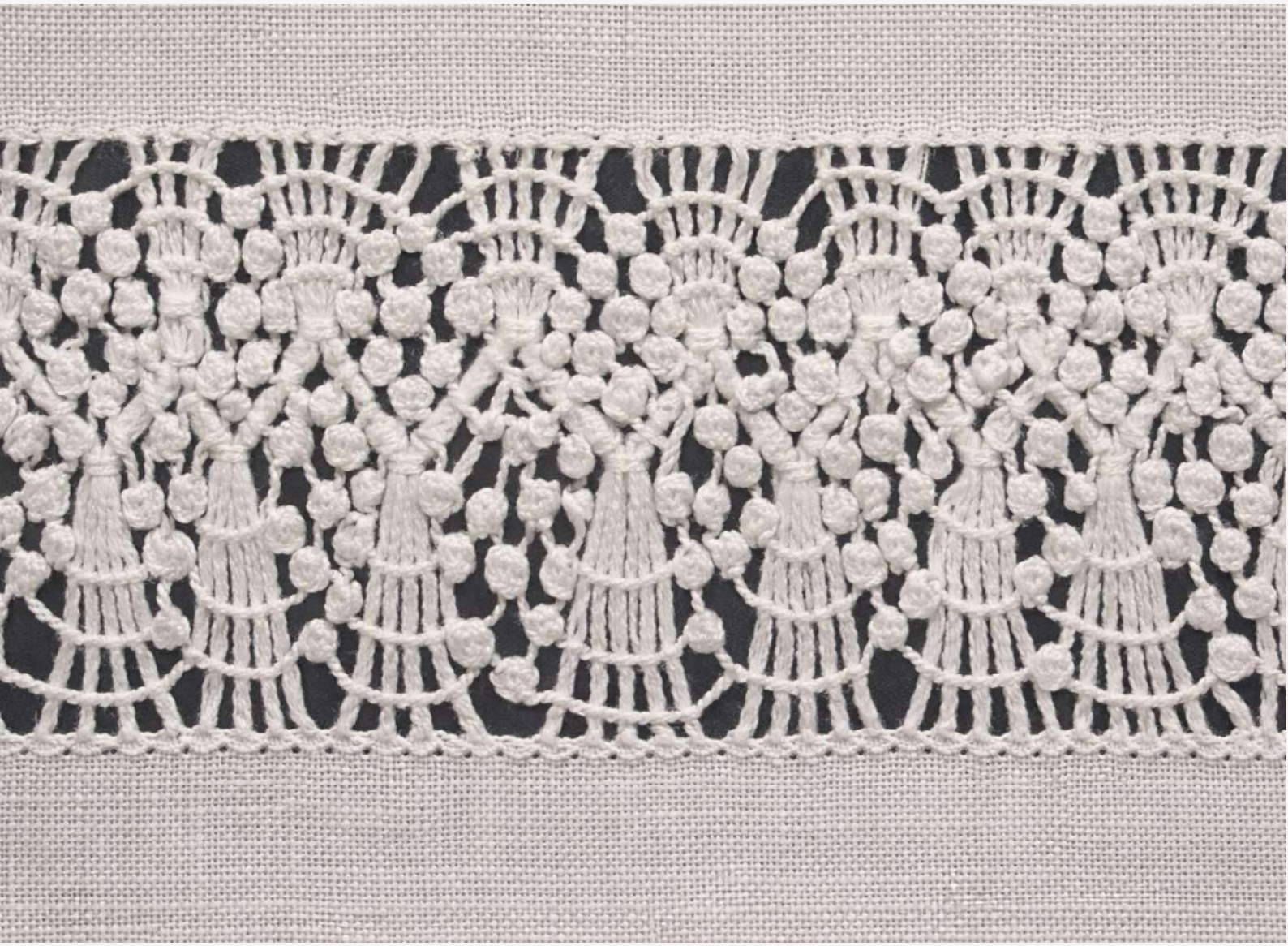
Mais bainhas em pala de galinha:

- Bainha das 2 linhas.

- Bainha das 3 linhas.

- Bainha nova.





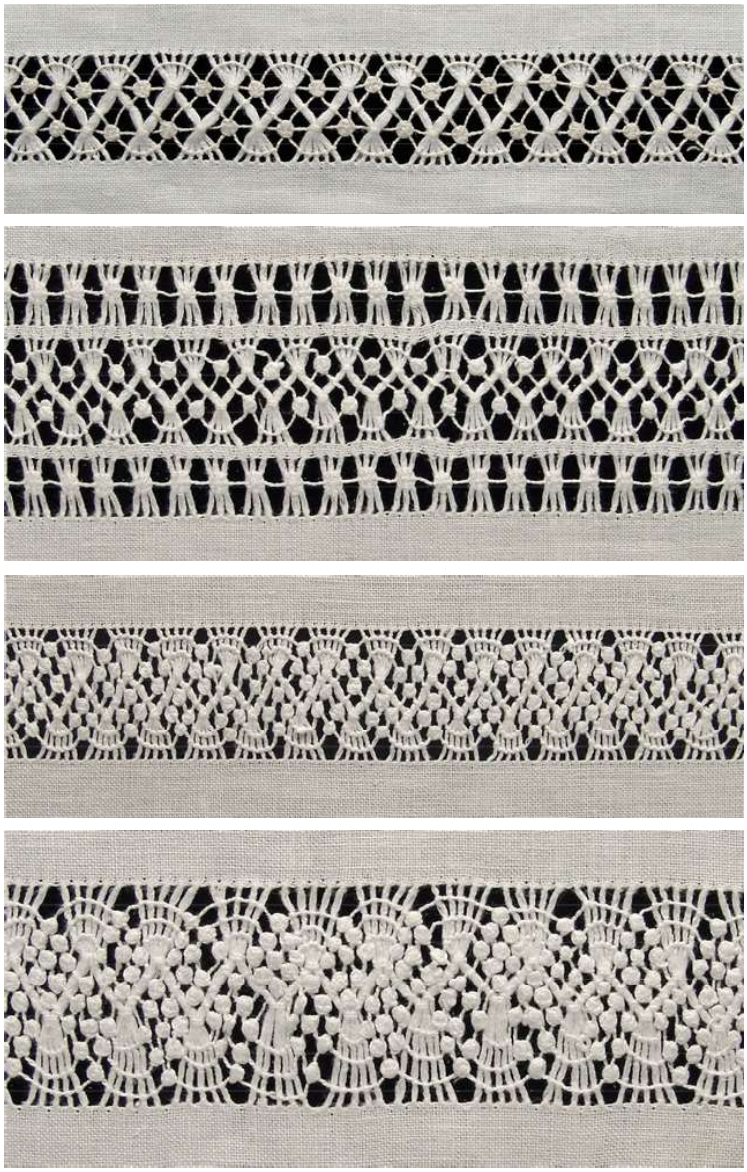
Bainhas com motivo das aranhas:

- Bainha da aranha dupla ou das aranhinhas.

- Ao centro aranha dupla ladeada por carreiras de aranhas simples.

- Bainha das 4 aranhas.

- Bainha das 9 aranhas.





- Bainhas das 16 aranhas.

- Bainha das aranhas e flor a ponto direito.

- Bainha nova das aranhinhas ou dos nós - "nozes" na terminologia local – Também a ponto direito.







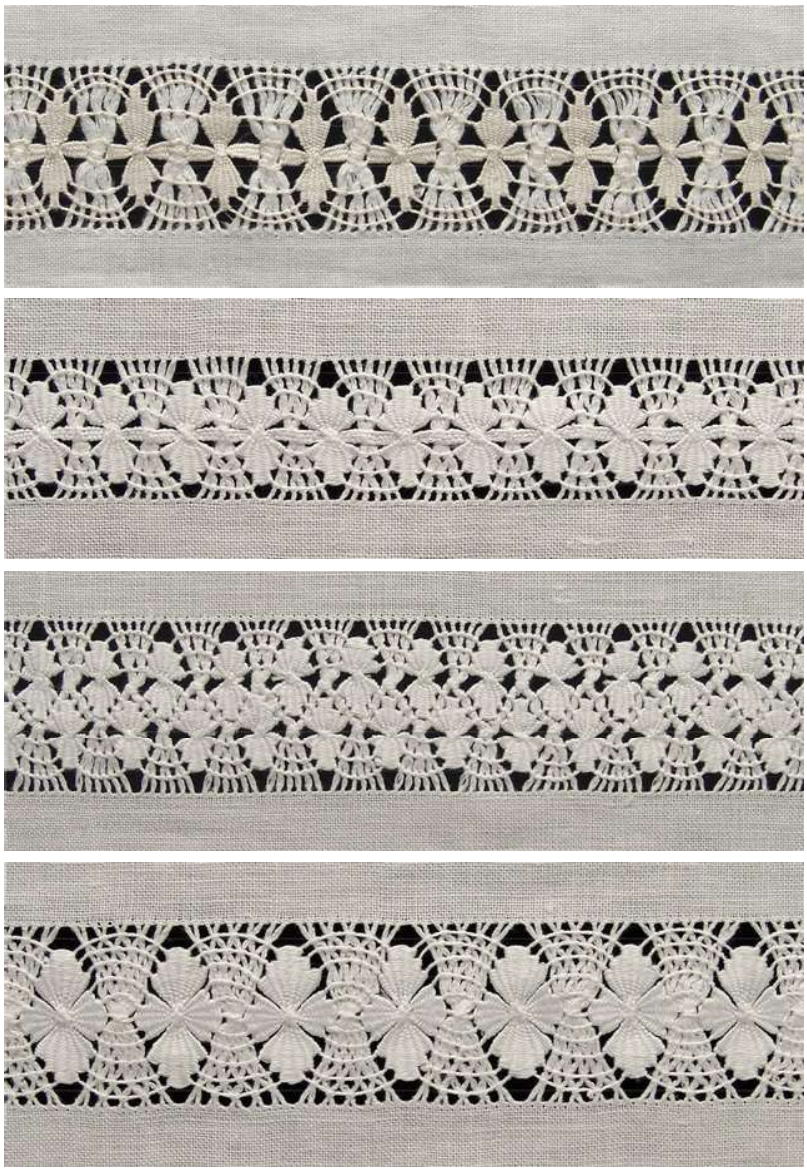


Motivo dos leques

- Bainha dos leques trabalhados. Trata-se do mesmo motivo, mas trabalhado por mãos diferentes!

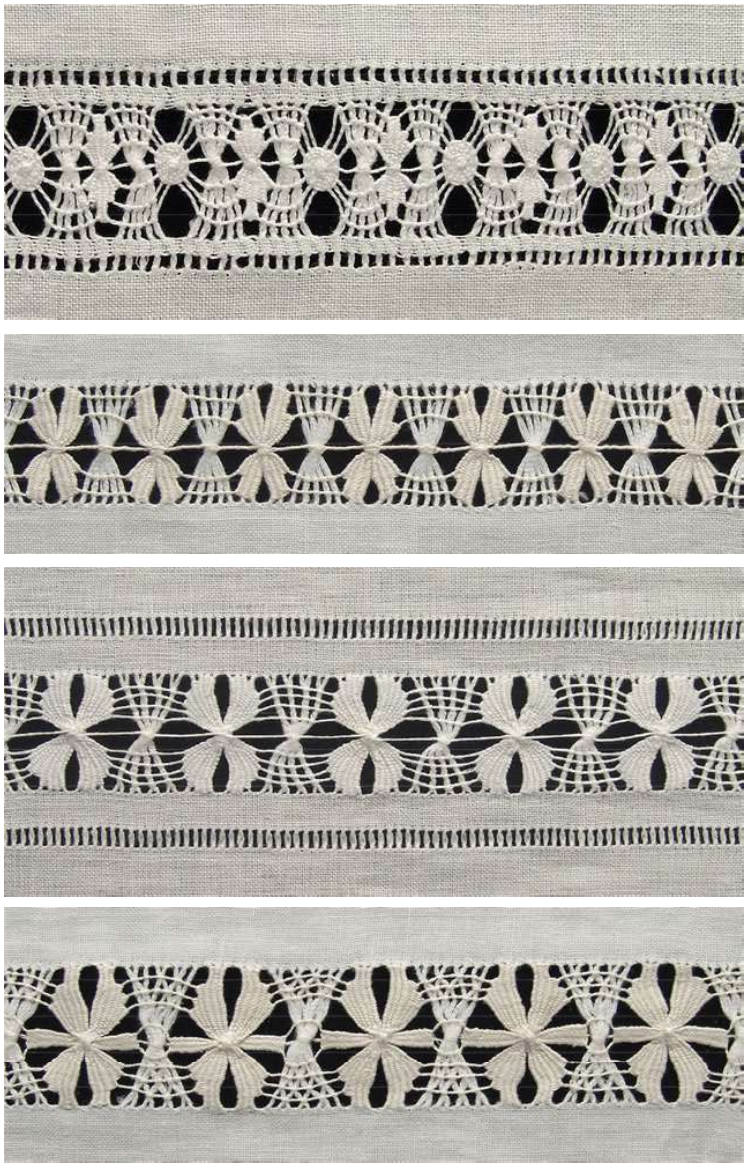
- Bainha do leque duplo (pomo cruzado).

- Leque trabalhado para cima, para baixo e para os lados.





- Bainha do leque e aranha.
- Bainha do leque repartido, de 2 linhas.
- Bainha do leque repartido, de 4 linhas.
- Bainha do leque repartido trabalhado.





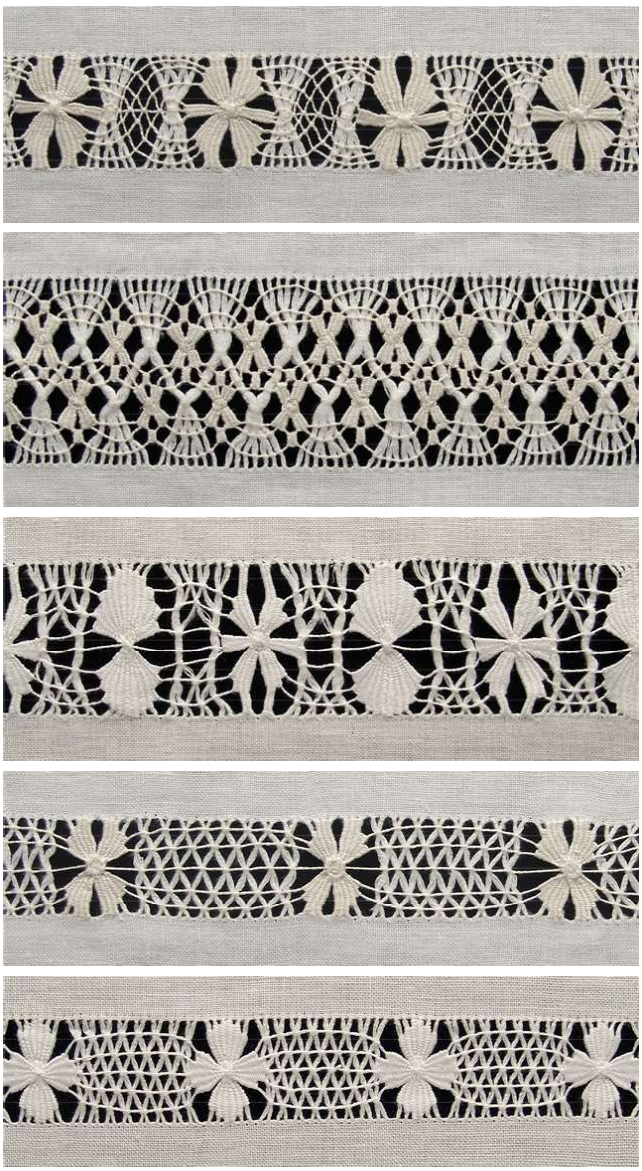
- Outra versão do leque repartido trabalhando a que chamam corno de carreiro.

- Bainha dos lacinhos.

- Bainha do leque grande — ou laço — com flor.

- Bainha do leque repartido e ponto Cruzado.

- Bainha do leque trabalhado para cima, para baixo e para os lados e ponto cruzado.



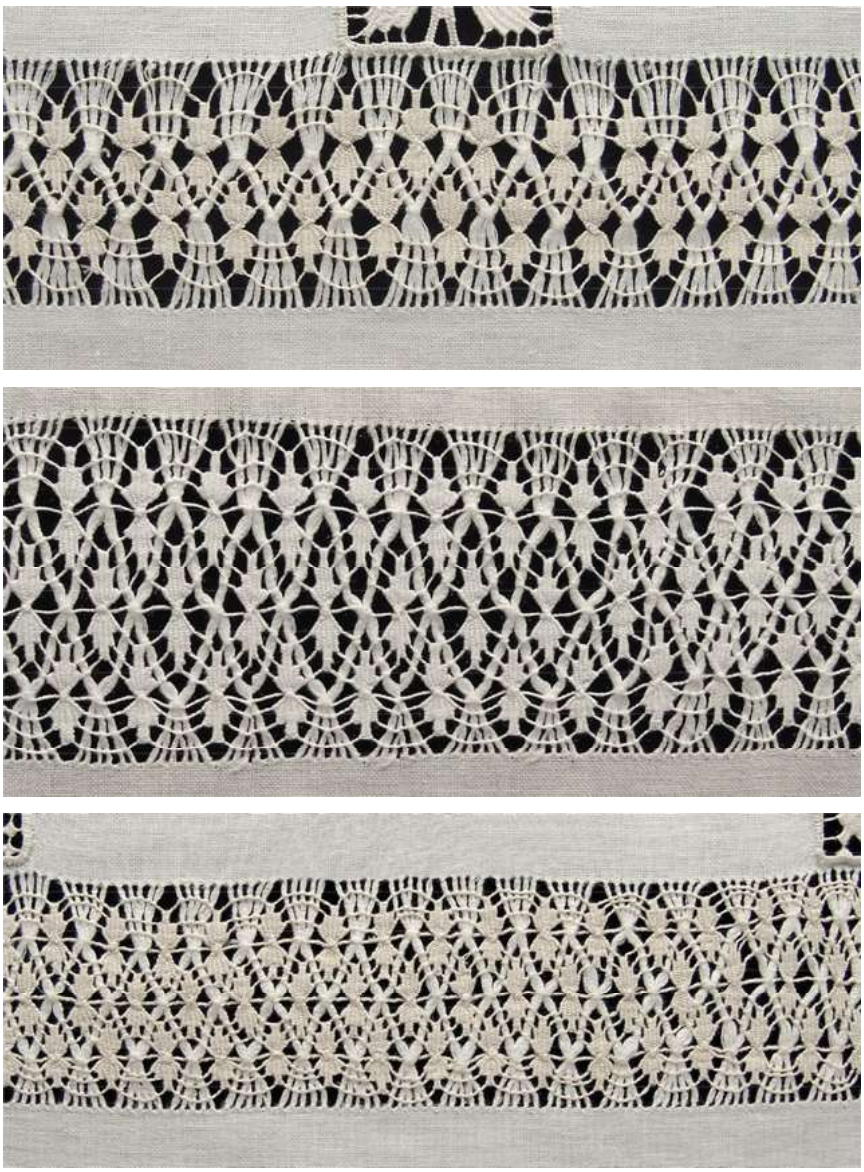


Motivo dos leques a ponto cruzado

- Bainha do leque duplo.

- Bainha do leque triplo.

- Bainha do leque triplo





Não deixa ser sintomático que as bainhas suscitem um vocabulário próprio, naturalmente muito ligado aos motivos que nelas aparecem e à sua repetitividade.

- Bainha da flor das 3 linhas.

- Bainha da estrela.

- Bainha da conchinha.









Assim como a bordadeira borda no papelão os incontáveis pontos de fundo que a sua imaginação lhe sugere, a bordadeira de bainhas abertas lê, sem dificuldade qualquer amostra que lhe apresentem, sendo capaz de a reproduzir de imediato. Com tais capacidades, e dada a grande voga das bainhas abertas atrás referida, não surpreende que, a gramática decorativa que as bordadeiras de bainhas abertas dominam, se encontre em franca expansão. É nas freguesias de Travanca, Vila Meã e Figueiró, todas do concelho de Amarante, que se concentram as bordadeiras de bainhas abertas. Em Figueiró também existe, tradicionalmente. alguma prevalência do trabalho do crivo antigo, também conhecido, noutras zona do pais por desfiados. Do lado de Felgueiras e Lousada predomina, claramente o trabalho de bordado, de todos os tipos. no papelão, entre o qual aquele que é feito recorrendo aos magníficos pontos reais.

A espetacularidade das bainhas abertas aparece exemplarmente nas seguintes amostras, todas feitas aos molhinhos:

- Bainha das rodelas ou das rodas de carro (de bois). Uma das bainhas trabalhadas mais amigas.

- Sem nome.

- Sem nome.

- Raras vezes feita.





Alguns exemplos de cantos utilizados no trabalho das "Bainhas Abertas".





Referências

Ao contrário do que é a regra nas áreas onde, tradicionalmente, se borda para um mercado, o Bordado da Terra de Sousa, mal definiu, ao longo de mais de um século, um conjunto de motivos a que se possa, em rigor, considerar "típicos", no sentido em que tal perspetiva é aplicada noutros bordados, ou seja, do seu fácil e imediato reconhecimento. Nesta produção a sua característica mais identificadora consiste na raridade e riqueza dos pontos empregues em muitos dos seus bordados. Infelizmente, não em todos os trabalhos, o que não significa que um olhar mais treinado não os distinga de outros, nomeadamente do bordado vindo do Oriente.

No contexto do processo de certificação que se pretende desenvolver tendo em vista a promoção do Bordado da Terra de Sousa perante um público cada vez mais confrontado com sucedâneos de inferior qualidade e preço, devem os produtores do Bordado da Terra de Sousa saber acentuar e reforçar aquilo que os distingue de outros, nomeadamente a demonstração da sua versatilidade técnica sem rival no Mundo.

Neste entendimento, selecionaram-se algumas peças, que serão descritas com algum detalhe, no sentido de se sublinharem e caracterizarem aqueles elementos passíveis de se tornarem mais recorrentes na produção deste bordado e, como tal, apoiarem uma identificação que se deseja sinónimo de excelência.

No bordado que se pode observar, em cima, obra que pela falta de qualidade do desenho nos atrevemos a considerar produzida num contexto não profissional, encontram-se alguns dos sinais indiciadores, se outros não houvesse, de se estar em presença de uma produção da Terra de Sousa.

Repare-se na expressão que tomam os **fundos** bordados a **nozinho**. Sublinhe-se a variedade de pontos utilizados no enchimento das superfícies correspondentes às flores, os **canutilhos** bordados sobre **ponto cheio** na folha da esquerda, ao passo que a folha inferior já ostenta **pesponto** sobre **ponto cheio**, características que, em conjunto, só se encontram ao estudar a produção da Terra de Sousa.



Ao observar criteriosamente qualquer um destes bordados notam-se, apesar das suas óbvias diferenças, algumas semelhanças de que se destaca a enorme **variedade de pontos** empregue.

Mas não é só a variedade de técnicas de bordar que qualquer uma destas peças exibe de um modo tão óbvio. Trata-se aqui também da **raridade e grau de dificuldade** de alguns destes pontos de bordar.

Veja-se na peça de cima o trabalho, delicadíssimo, sobre o cheio dos centros das flores, os famosos **pontos reais.** Aprecie-se a delicadeza e qualidade do maravilhoso crivo executado no interiordo laço. Ao apreciar uma obra destas os adjetivos têm, forçosamente, que saltar, pois não há outro modo de descrever tanta perfeição e qualidade.

O bordado em baixo, obedecendo a um gosto mais popular, exprime ainda a mesma atitude de um total domínio da arte de bordar.

Como traços que importa reter e salientar observem-se a enorme quantidade de **diferentes pontos** que a bordadeira utilizou para traduzir um desenho mais ingénuo que o anterior num bordado que em qualidade lhe é equivalente.



A utilização dos **canutilhos** quer nas flores – ao centro da letra "V" – quer como ponto de fundo – no desenho das metades das folhas do canto superior esquerdo – denunciam já este Norte que fez do canutilho um dos (difíceis) pontos de eleição das bordadeiras.

Mas, saliente-se ainda a utilização do **pesponto** nas folhas do centro do desenho, ou dos **nozinhos** que aparecem por todo o motivo, ou da judiciosa utilização do **ponto de cruz** a fazer **fundos.** O contorno das folhas tanto surge feito a **ponto de recorte**, como a **meia pena**, como a cordão. Há aqui, neste bordado, uma exuberância e uma qualidade que se torna vão tentar descrever.

Todavia, em nota final repare-se no desenho da **flor maior.**

Num bordado, como o da Terra de Sousa, em que os motivos são tão difíceis de definir este é um dos poucos que merece esse nome, pois que aparece em múltiplas declinações, ao longo de todo o tempo desta produção.



Agora começa a ser mais fácil entender e ler o "ar de família" que se pode encontrar nas peças escolhidas como paradigma desta produção.

Notem-se, nesta peça, semelhanças de **desenho** com motivos já observados em peças anteriores (caso da flor "leque", ou da flor situada na parte inferior do bordado). Note-se a quantidadede diferentes pontos utilizados para dar expressão e movimento ao desenho, a utilização de pontos de fundo tão diversos como **ponto de galo, crivos, canutilhos** ou mesmo **pequenas pastas a cheio.** A presença de **pontos reais** constitui a assinatura final de um excelente exemplar do Bordado da Terra de Sousa a que não faltam mesmo umas simpáticas **aranhas sombreadas** a **pesponto** no centro de duas flores.



Este cesto aparece quase como se de um glossário se tratasse dos pontos que fazem do Bordado da Terra de Sousa esta gloriosa realidade.

Salientem-se as quatro pequenas flores que envolvem a maior. Todas diferentes, três delas com canutilhos, num preciosismo de execução verdadeiramente espantoso.

Na flor central os **vários pontos de fundo**, tornam este desenho algo "naïve" numa maravilha de bordado. E se duvidas houvesse basta notar a qualidade de execução do **cheio** das folhas ou do **rolinho** que desenha o cesto e as hastes que suportam as folhas.



Mais um bordado em que avultam a riqueza e qualidade do **ponto cheio** e a sua utilização como **base** e suporte de outros pontos, **os pontos reais**, os únicos que só nesta área se podem observar.

Nozinhos, aranhas, ilhós de cesto, ilhós simples, fundos variados com pesponto, ponto de galo e ponto de areia. Uma **aranha** ao centro, sombreada diz-nos claramente, onde nos situamos.

Depois de tudo o que já se referiu, começa a ser mais simples detetar as características que identificam o bordado em baixo como da Terra de Sousa: a expressão dos **nozinhos** como **ponto de fundo**, o delicado trabalho com o ponto lançado no interior de cada uma das pétalas da flor da direita, as **aranhas**, as **estrelas** com **crivo** no centro e, à direita, os **troços com ponto real** feito com canutilhos.







Ao contrário dos anteriores bordados, estes dois bordados, foram executados recentemente, mas, também aqui se encontra a gramática estilística já sobejamente identificada, correspondendo a peça da esquerda a um gosto mais contemporâneo e a da direita à cópia fiel de uma peça antiga.

Aparentemente trata-se de um trabalho muito simples que parte de um desenho também muito simples. E, no entanto, como não deixar de reparar que nesse mesmo desenho, tão levemente esboçado, a bordadeira empregauma panóplia de pontos em que se destacam seis diferentes **pontos de fundo** e dois **crivos**, numa finura de execução a que não faltam **canutilhos**, a desenhar as nervuras das folhas e **troços** a **ponto cheio.**

Neste bordado repare-se ainda (folha superior – fotografia da esquerda), como a utilização de ponto de recorte a acompanhar cordão define um fundo tão original quanto conseguido.



Neste bordado há a realçar a utilização de **pontos reais** de uma extrema qualidade, dada a minucia que implica a sua execução. Tudo se passa como, depois de executado o ponto cheio, este fosse "vestido" com "tecidos" laboriosa e ricamente trabalhados.

Num bordado em tudo superlativo – sendo de notar a forte presença dos **ilhós** – deve-se, muito especialmente, sublinhar a existência do **ponto sombra urdido**, específico da Terra de Sousa, e que aqui aparece a formar os elementos que ligam e organizam o desenho. Todavia o **sombreado** feito com **pesponto** encontra-se presente noutros motivos como as folhas. O difícil e trabalhoso **ponto de veludo** está ainda presente – à direita – e os fundos evidenciam, mais uma vez, a variedade dos pontos neles utilizados.

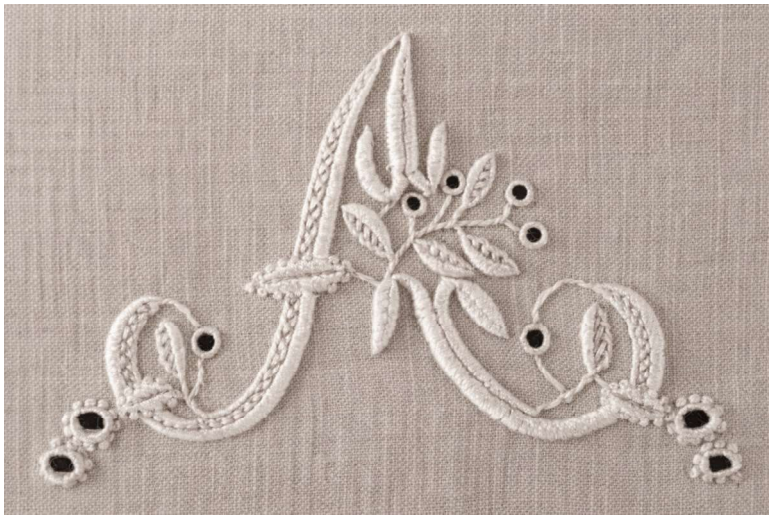

M.A.











Os monogramas constituíram sempre objeto de forte investimento, pois que se trata de elementos que identificam e nomeiam os futuros usufrutuários das peças onde são bordados.

Muito associados à preparação do enxoval, participam ou participaram da expectativa de noivados mais ou menos felizes, mas sempre esperançosos. Nestas poucas letras (e há milhares) se encontram aqueles sinais que identificam o Bordado da Terra de Sousa.

5 . Condições para a certificação

Alguma produção de bordado da Terra de Sousa/Lixa, que não apresenta quaisquer especificidades que a possa singularizar (tais como pontos ou associações de pontos de bordar, materiais, cores, motivos) não pode ser considerado no âmbito do suporte de um processo de certificação, situação que, se compreensível, incomoda, pois o mesmo é dizer, que algum do melhor trabalho que se faz na Terra de Sousa não pode ser certificado.

Referimo-nos aqui ao trabalho que é feito com recurso ao ponto de cruz e ao ponto de Assis, que não é passível de certificar pois não evidencia elementos que o vinculem a este território. Dito por outras palavras, trata-se de um bordado que não apresenta qualquer característica que o singularize e que permita demonstrar a sua específica ligação à área da Portela do Alto da Lixa ou Terra de Sousa.

Sendo este bordado uma produção desde sempre dirigida a um mercado urbano, fazer a arqueologia de todas as camadas decorativas depositadas ao longo de tantas décadas é tarefa inglória (senão impossível). Acresce à dificuldade de fazer o levantamento de todas as composições bordadas durante tanto tempo a circunstância de nenhuma ter ganho as preferências do público que permitisse a sua estabilização ao logo de um período suficiente para imprimir uma imagem específica e poliédrica na memória coletiva.









Assim, é de manter a contínua reinvenção tão característica deste bordado, conduzida a uma matriz que se tentou definir e apresentar e que reside no conjunto de pontos ou associações de pontos que só aqui se encontram:

- nozinhos a fazer o "contorno" dos motivos

- pespontos a fazer o "sombreado" dos motivos

- aranhas diversificadas

- ponto de sombra urdido

- variedade dos crivos

- variedade dos pontos de fundo

- ponto meia pena no bordar de folhas e pétalas

- pontos reais, decorados com canutilhos e pontos de fundo ou outros.

Estas situações valem por si mesmas e não têm que aparecer em conjunto.

A presença de bainhas abertas, especialmente trabalhadas também constituem poderosos elementos e reforços da identidade deste bordado.

Ao contrário do que sucede noutros casos, a inovação no Bordado da Lixa/Terra de Sousa não coloca quaisquer problemas pois, desde sempre, este bordado continuamente se reinventou. O que aqui é decisivo é, no bordar de cada desenho ou elemento, garantir a presença de pontos que se associam e identificam esta produção, como aqueles atrás referidos.

O processo de certificação do Bordado Terra de Sousa - Lixa, mais do que certificar peças têxteis lar, certifica o Bordado que elas ostentam, pelo que o mais importante é que esse bordado seja de qualidade e identificável, dai que se considera importante e de salutares novas abordagens em vestuário, acessórios, e com design, no entanto deve ser diferenciado de alguma forma na sua etiqueta, com referência a Bordado de Terra de Sousa/Lixa - Aplicação.


bordado
terra de
sousa
Lixa


bordado
terra de
sousa
Lixa